

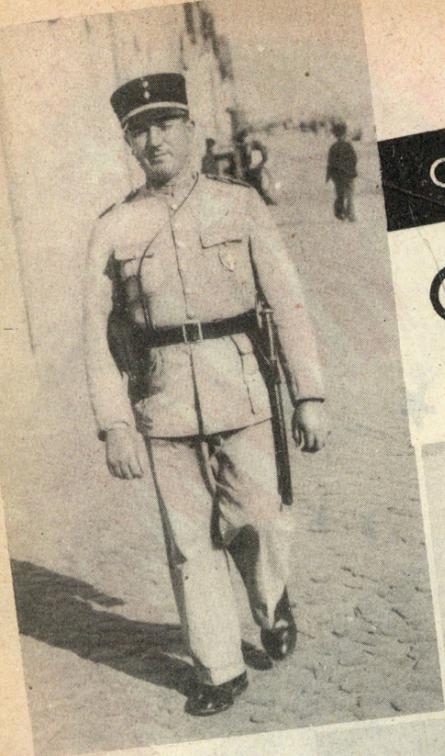
VERGILIO TEIXEIRA
O BRILHANTE PARCEIRO DE
ANTONIO VILAR, NO GRANDE
FILME PORTUGUES DE CIPRIANO
ESPADA, A MANTILHA DE BELLA
TRIZ, — O CLAMOROSO EXITO
DO TRINDADE.



**VIDA MUNDIAL
ILUSTRADA**

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

ANO VI—N.º 276
5 DE SETEMBRO DE 1946
PREÇO AVULSO 2\$00



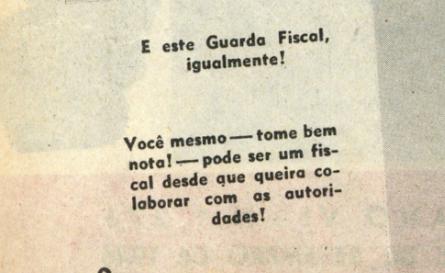
Atenção! Este policia é um fiscal da Intendência!



Este Guarda Republicano também o será se você pedir o seu auxilio!



E este Guarda Fiscal, igualmente!



Você mesmo — tome bem nota! — pode ser um fiscal desde que queira colaborar com as autoridades!

O «ASSUNTO NUMERO UM» COMO VAI SER COMBATIDO O MERCADO NEGRO

O Governo quer que seja dura e implacável a acção a desenvolver pela Direcção dos Serviços de Fiscalização! — disse o sr. Ministro da Economia no acto da posse do capitão Silva Pais.

Por sua vez, este distinto official, que traz das suas funções em Santa Marta uma longa e laboriosa prática a gritar-lhe que não é com medidas frouxas que conseguirá bem cumprir a sua missão, declarou:

«Açambarcadores, especuladores e todos os gananciosos, no seu impudor e ânsia desmedida de lucros, ultrapassaram as possibilidades da fiscalização, romperam as linhas defensivas desta e espraiaram-se no nosso campo, deixando o consumidor em sérias dificuldades. Agora, se temos uma lei forte para proteger o consumidor, havemos de ter uma fiscalização implacável para a fazer cumprir! Há tabelas para se respeitarem. Há preços livres, mas que têm de ser justos. Há manifestos de produção que têm de ser papeis sérios e não sofismas. Será interessante saber-se, em momento oportuno, como se explicam as acentuadas diferenças entre quantidades manifestadas de certos cereais e as produções que eram correntes, antes da guerra, em condições de ano agrícola e outras, sensivelmente aproximadas.

«Os prevaricadores serão tratados com o rigor que as circunstâncias impõem».

Posta a questão nestes termos e postos os olhos de toda a gente na acção do director dos Serviços de Fiscalização da Intendência, resolvemos procurá-lo para que nos dissesse algumas palavras sobre o momentoso assunto — o assunto número um de todas as conversas, o pensamento número um de todos os cérebros: — Como irá resolver-se este problema do «mercado negro», uma vez que já há quem pergunte, onde irá, depois dele acabar, buscar os géneros necessários?

reparámos no número da porta: gabinete número 13! Mentalmente, hesitámos: para quem será o azar? Certamente para os negociantes do «mercado negro»! O gabinete, quando ali chegámos, ainda não tinha secretária, e apenas um telefone sobre uma cadeira, marcava a categoria do lugar.

Silva Pais recebeu-nos passeando pela casa, ao tempo que conversávamos. Por acaso o director dos Serviços de Fiscalização e o jornalista são velhos conhecidos, e logo a este não escapou um pormenor.

É que o capitão Silva Pais tinha pregado, na porta do seu antigo gabinete, em Santa Marta, um verdadeiro mostruário de anzóis, desde o tamanho grande até ao quase invisível. Uma vez perguntámos-lhe o que queria aquilo dizer, e ele explicou:

— Isto quer dizer que aqui tanto se apanha o peixe miúdo como o peixe grosso!

Pois logo demos pela falta dos anzóis no novo gabinete do seu novo cargo, mas ele atalhou, sorrindo:

— Ainda não vieram para cá os anzóis, mas vêm! E descanse, que a pesca já começou!

Aproveitamos a «deixa»: — Mas começou — a sério? — A sério, pois claro! As medidas ordenadas serão cumpridas com todo o rigor!

— Há por aí quem esteja cheio de pressa...

— Pois que tenham alguma paciência! Isto não pode ir a correr... Mas vai, disse não tenham dúvidas nenhuma!

Constantemente vêm trazer ao capitão Silva Pais cartas e telegramas que chegam, e ele conta-nos a propósito:

— Você nem calcula o que isto tem sido!

— Calculo, porque estou a ver!

— Mas isto não é nada! Tenho recebido, sem exagero, milhares de cartas e de telegramas!

— Felicitações?

— Muitas, sim. Mas também denúncias, quase todas anónimas!

— E interessam-lhe essas denúncias? — Silva Pais sorri:

— Fique o meu amigo sabendo que, por cada cem denúncias, há sempre umas sessenta que têm fundamento!

— E como lê isso tudo?

— Levo-as para casa, para ler à noite...

Pretendemos saber alguma coisa da acção inicial dos Serviços de Fiscalização:

— É certo que todos, agora, são fiscais — policiais, guardas republicanos, guardas fiscais, agentes da Polícia de Fiscalização, etc.?

— Certíssimo. E mais: Cada consumidor deve ser um fiscal — e com isso contamos. E sabe que encontrará a seu lado qualquer agente a quem se dirija ou qualquer das autoridades que acaba de citar!

— Já há novas medidas tomadas?

— Estabeleci, pela província, uma rede de fiscalização... E já há mais peixe em Lisboa, porque ameacei de

prisão os negociantes de algumas terras, que o não mandavam para cá!

— E prendia-os mesmo?

E Silva Pais, enérgicamente:

— Sem hesitar! Isto tem de ir deegar, mas vai, e as ordens do Governo serão cumpridas com toda a energia! O que é preciso é que todos colaborem connosco e não escondam a acção dos criminosos!

E já à despedida, não nos contivemos sem recomendar:

— Oiça, capitão: — Não se esqueça dos anzóis!

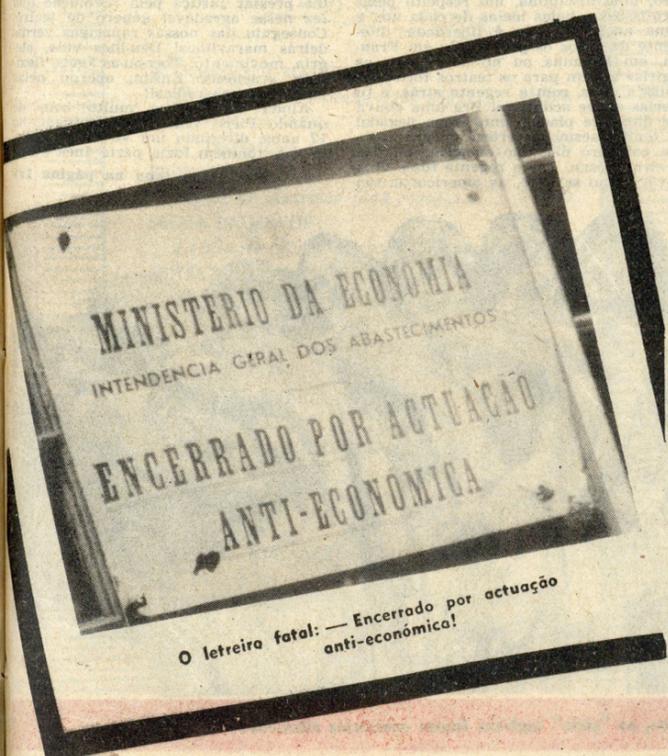
Silva Pais prometeu, sorrindo:

— Não me esquecerel, descanse!

Mas nós, já na escada, intencionalmente, ainda recomendámos:

— Principalmente os maiores, capitão! Aqueles que o senhor diz que são para o peixe grosso...

ANIBAL NAZARÉ



COMENTÁRIOS POR SEMANA

Por MANUEL PEDRO

1 Uns senhores burgueses, ricamente instalados na vida, por luxo mundano gostam de exibir, diante das visitas, uns canitos felpudos, barrigudos, que têm, na pequenez e no ventre, semelhanças com os donos. Ninguém sabe, ao certo, qual a utilidade desses animais dorminhocos, acrobatas de cabriolas em sofás e exigentes a mesa, como qualquer comensal de boas pagas. Geralmente, esses bichos custam centenas de escudos e, alguns, milhares. Porém, ao fim dum ano, em estragos e alimentos, cuidados de veterinário e licenças para passearem na rua, ficam numa soma exorbitante. A um senhor ouvimos nós dizer, com o ar mais natural do mundo, referindo-se ao «Joli», enlevo do lar sem filhos:

— Já gastei oito contos! E não me fica por aqui! Seria de toda a justiça que esta gente maníaca que tem mais afecto aos animais que humanidade por uma criança esfarrapada, pagasse uma taxa para as casas de beneficência. Além disso, o problema, neste momento, toma as proporções dum ultraje social. Ter cães, alimentá-los bem, rodeá-los de mimos, acariciá-los, fazer-lhe até enterros de 1.ª classe, com coroas e jazigos, é uma verdadeira loucura.

2 No Chiado, em montras chiques, aparecem, agora, objectos insignificantes que custam, com um descaramento inaudito, somas fabulosas. Assim, uns óculos escuros, para trazer encavalitados no nariz, e que antigamente só se usavam pelo Entrudo, estão lá marcados por 300\$00. Numa loja mais acima, um par de meias para senhora oferece-se, a título de reclamo, por cento e oitenta escudos. Positivamente caminhamos para a loucura.

Julgam, porém, V. Ex.ª que isto não se vende? Vende-se — e muito bem. Quanto mais caro, melhor lhe pegam. Evidentemente que os ricos podem, à vontade, gastar o dinheiro onde muito bem lhes apetece.

Há gente que faz do dinheiro um combate de exibição. Tudo é comércio, é certo. Mas há coisas mais úteis onde empregar o dinheiro.

3 A Companhia Carris tem hoje um movimento financeiro espantoso. Não há, em Portugal, coisa que se compare à magnate de Santo Amaro. Mais de oitocentos contos entram, diariamente, nos cofres da Companhia. Pois apesar de tudo, ainda há pouco tempo, na Rua Alexandre Herculano houve um choque aparatoso de eléctricos porque se desfez a agulha (informam os técnicos da Carris). Afinal, se repararmos bem, o desastre deu-se unicamente porque a Companhia não está para gastar 15\$00 de jorna com um agulheiro.

4 Estamos a atravessar, novamente, uma crise gravíssima na compra do livro. As livrarias ressentem-se, e as casas editoras, com os preços elevados do papel, limitam as suas edições.

Há mais gente para ler, na realidade. Mas pedem emprestado. Vinte, trinta, cinquenta escudos por um bom livro pouca gente dá. Todavia, gasta-se quinze escudos para berrar por um «goal» à torreira do sol, ou para aplaudir uma farpa de qualquer Gregório reclamado pela «aficion». A nossa cultura é toda feita de ouvido — como os caixeiros viajantes, que para vender a mercadoria têm que possuir um bom reportório de anedotas. Há, é certo, em alguns sectores, manifestações, ansiedades por determinados caminhos da Arte ou da Literatura. Isso parte, quase sempre, daqueles que, feitas as contas, não podem desviar um centavo do apertado orçamento onde estão metidos.

Os outros compram alguns livros para ter na vitrina. Ignorantes, só conhecem a personalidade através do corte do alfaiate.

E quando lhes falam em determinado escritor, abrem os olhos, fazem cara de entendidos e atiram logo:

— Ah! Bem sei. Tenho lá em casa!

E com essa certeza — continuam eternamente ignorantes, eternamente tolos, preocupados com uns suspensórios de vidro que viram numa montra da Baixa (e que Deus queira que não tenham acabado).

5 Numa local publicada no «Diário de Notícias», pode ler-se:

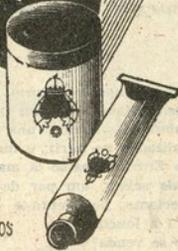
VALE DE PRAZERES, 22 — Cada vez se torna mais difícil a vida nesta freguesia. O pão não aparece. Só o «mercado negro» o vende a 7\$00 e 8\$00 os 600 gramas. Os candongueiros já pagam o litro do azeite a 15\$00. A batata está a 50\$00 a arroba. Os restantes géneros não aparecem. Pelo milho já querem 150\$00 cada alqueire. Os trabalhadores ganham a diária de 12\$00.

Evidentemente que tal estado de coisas há-de, por força, terminar. Ninguém pode estar à mercê destes verdadeiros traficantes que, em período de tal gravidade, negociam com o estômago do alheio, defraudando a economia e sujeitando o povo à mais escrava miséria.

APP

Rainha da Hungria

OS PRODUTOS DE BELEZA HA MUITO CONSAGRADOS PELA MULHER ELEGANTE



N.º CAMPOS

RAINHA DA HUNGRIA

MEDICINAL
PASTA COUTO
TRATA
 gengivas doencadas
 ou sangrentas
EVITA
 estomatites mercuriais
 ou biarmuticas
MATA
 os microbios da boca,
 que dão causa a tantas
 doencas graves

Medicinal pequena — tubo 11\$00
 Medicinal grande — tubo 17\$50
 Vulgar pequena — tubo 4\$00
 Vulgar grande — tubo 7\$00

Tiká
MATA

PERCEVEJOS
 BARATAS
 PULGAS
 TRAÇA

À VENDA EM TODA A PARTE

Caixa pequena..... 3\$00
 Caixa grande..... 8\$00

Dep.º: COUTO, L. da — Porto
 L. S. Domingos, 105

AS GIRLS



INGLESA

E A SUA CLAUSURA

«PIERO E AS NOSSAS «GIRLS»

★ Por FERNANDO D'ECA LEAL ★

Foi positivamente um acaso que me pôs ao corrente da séria organização que existe na Inglaterra, quanto às suas famosas «girls». Quando as vi desfilar nos palcos de Madrid e Paris, bem longe estava que esses grupos de encantadoras raparigas, muito louras, de olhos azues, mostrando as suas formas esculturais, fazendo prodígios de ginástica, cantando lindas canções, eram de uma irrepreensível honestidade, e, portanto, dignas de todo o respeito.

Em Inglaterra a protecção às «girls» é organizada de uma maneira exemplar, muito curiosa para nós. Tenho a certeza de que em nenhum outro país elas se encontram em tais condições.

Assim, a «girl» inglesa de «music-hall», educada, amparada e administrada pela «Roofor's Schools», ou pela «Jackson's Schools», corre o mundo sem sair do «Girls Hostel», o qual tem sucursais em todas as grandes cidades do mundo.

Foi devido a uma entrevista concedida por «Mister» J. W. Jackson, director da «Jackson's Schools», a um jornalista parisiense, que fiquei bem ao facto deste assunto.

«Mister» Jackson declarou o seguinte: «Todas as nossas «girls» são inglesas, e muitas delas pertencem a distintas famílias. Nas nossas escolas de Londres e de Manchester as alunas começam a estudar as danças de conjunto desde os doze anos, e aos quinze já estão aptas para formarem pequenos grupos, que debutam nos teatros de província, entre os quais vamos seleccionando os melhores elementos para organizar as Companhias destinadas ao estrangeiro. A direcção de cada grupo é assumida por uma «regente», que exerce ao mesmo tempo funções administrativas.

Em cada capital frequentada pelas nossas companhias temos uma residência onde as raparigas vivem submetidas a uma rigorosa disciplina, obedecendo à direcção espiritual de um padre protestante...

Como se vê, o nosso conceito do «music-hall» é completamente diferente da ideia que muita gente tem daquele ambiente!

Na Inglaterra, as «girls» seguem a sua carreira, como os rapazes se dedicam à vida militar, com toda a honra, com verdadeira vocação, sem espirito de abnegação e com plena consciência da sua própria dignidade...

A nossa «girl» ganha honradamente a sua vida e o seu dote... É uma artista que vai da sua residência ao teatro e do teatro à sua residência, passando

pelas cidades, não as ficando a conhecer! São bem pagas, mas é a sua «regente» quem recebe os seus ordenados, dando-lhes apenas uma pequena importância para o que elas necessitam.

O resto é enviado a seus pais, todas as semanas. Se estes são bons e sérios, guardam esse dinheiro para o dote de sua filha, a qual vai passando a Primavera da sua vida mostrando o seu corpo, sem perder um átomo da sua pureza... Sujeta-se a todos os sacrifícios e a todas as privações, para acumular o bastante para um dia realizar o seu sonho dourado, o seu ideal: casar com o rapaz de quem goste!

Assim falou o correctissimo e bom inglês «Mister» Jackson.

Quando há dias desceia o Chiado, já depois de ter começado este artigo, encontrei um amigo, meu antigo discípulo da Escola Académica, que vive em Paris há muitos anos. Sabendo que ele naquela cidade frequenta muito os palcos, calu-me, nesta altura, «como sopa no mel!»

Enfiel-lhe o braço e arrastel-o para a «Havana», onde lhe descrevi a entrevista de «Mister» Jackson, e o que sobre ela eu tencionava dizer.

Deu-me, então, preciosas informações, começando pelo seguinte: «Não conhecia essa entrevista, mas estou bem ao facto de tudo que esse fleumático inglês, que é um verdadeiro potentado, declarou. Realmente, só em Inglaterra opem existir tais organizações! E porquê? Porque o inglês tem uma educação, uma disciplina, um respeito pelas profissões e pelas ideias de cada um, e uma noção do que é liberdade, diferente de todos os povos. Põe em França, em Espanha ou no nosso país as «girls» a fírem para os teatros formadas duas a duas, com a regente atrás, e tu verias o que acontecia! Era uma chuva de ditos, de piadas, uma troca pegada! E tenho mesmo a certeza de que logo, no primeiro dia, não chegava uma ao teatro, mesmo que a regente fosse uma fera! Como se sabe, as americanas são

da mesma raça das inglesas, mas já essas não obedecem senão às rigorosas tabelas das empresas. Fazem o que lhes vêm à cabeça.

Vão para os bons hotéis, vestem com elegância, frequentam as «dancings», os «cabarets» e os «bars».

A «girl» americana não se preocupa com o dote nem com o marido.

A vida está para ela no momento presente, e esse momento, quando não é a dança a dança é o «cocktail», um cigarro, um «flirt»... Parte do principio que o futuro a Deus pertence...

A francesa, essa coitada, ganha pouco e em geral ajuda tem que sustentar os pais, ou que pagar a pensão de um filho que, como recordação, lhe deixou o seu primeiro amor...

Muitas trabalham durante o dia como manequins, empregadas nos estabelecimentos, manicures, dactilógrafas, etc., e vão para o teatro às sete e meia da tarde, de onde saem à uma da madrugada!

Levam uma vida de trabalho e de miséria! Muitas vezes nem têm tempo para, entre os dois empregos, jantar, e comem então, à pressa, umas «sanduiches», e assim mal alimentadas e tristes, vão para um trabalho extenuante, tendo sempre que apresentar ao público um sorriso encantador... Mas com respeito às nossas, é que confesso que estava maravilhado! Piero, com a sua varinha mágica, tem feito verdadeiros prodígios! Todos que gostamos de revistas temos o dever de lhe prestar justiça pela revolução que fez nesse agradável género de teatro. Conseguia das nossas raparigas verdadeiras maravilhas! Deu-lhes vida, alegria, movimento! Tornou-as ágeis, flexíveis, graciosas! Enfim, operou nelas uma mudança radical!

Ainda me lembro muito bem de quando Piero veio para Portugal, há 17 anos, dirigindo um «trio» de baile, de que também fazia parte Inês e Me-

(Continua na página 10)



Num lindo parque, as «girls» inglesas fazem exercícios rítmicos...

UM PORTUGUES DO BRASIL EM LISBOA

O sr. Serafim Sofia, figura destacada da colónia portuguesa do Rio de Janeiro, que se encontra entre nós depois de mais de vinte anos de ausência, entregou, há dias, ao presidente da Câmara Municipal de Lisboa, tenente-coronel Salvação Barreto, uma mensagem de saudação do Centro Carioca do Rio de Janeiro, que defende os interesses históricos, políticos e sociais da capital do Brasil.

O sr. Serafim Sofia manifestou o seu prazer por se encontrar, de novo, em Lisboa, e felicitou o sr. tenente-coronel Salvação Barreto pela renovação que veio encontrar na capital.

Na foto vêem-se o sr. Serafim Sofia, o Presidente da Câmara e o nosso camarada Augusto Fraga.



Almoço do Embaixador do Brasil ao Cardeal Patriarca, na Embaixada



Chegada à «gare» marítima do cantor Joaquim Pimental, há anos no Brasil. O artista vê-se entre Luiza Satanela e Ercília Costa, e rodeado de cantadores de Fado.

Livros de Capa Amarela

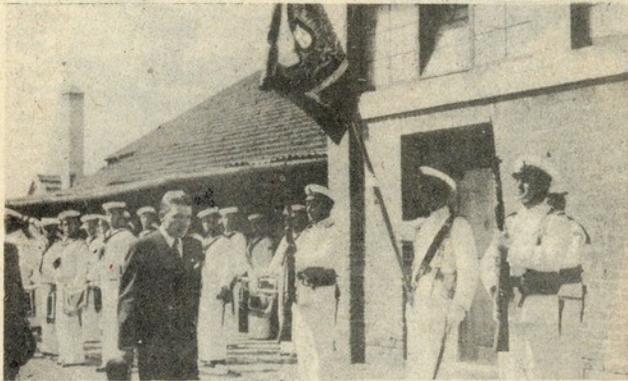
são obras de bons autores

e não são caros...

W. SOMERSET MAUGHAM:	
<i>O Mundo é Pequeno</i> (280 págs.).....	16\$00
VALENTIN KATAEV:	
<i>O Desfalque</i> (220 págs.).....	16\$00
BERNARD SHAW:	
<i>Amor de Artistas</i> (424 págs.).....	24\$00
SELMA LAGERLÖF:	
<i>Lenda de Gösta Berling</i> (384 págs.)	20\$00
MIHÁLY FÖLDI:	
<i>Anna Kádár</i> (312 págs.).....	15\$00
BERNARD SHAW:	
<i>Casamento Desigual</i> (344 págs.).....	20\$00
PIRANDELLO:	
<i>Mulher Banida</i> (224 págs.).....	15\$00
BERNARD SHAW:	
<i>O Altruísta</i> (280 págs.).....	16\$00
PITIGRILLI:	
<i>Dolicocéfala Loira</i> (288 págs.).....	18\$00

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

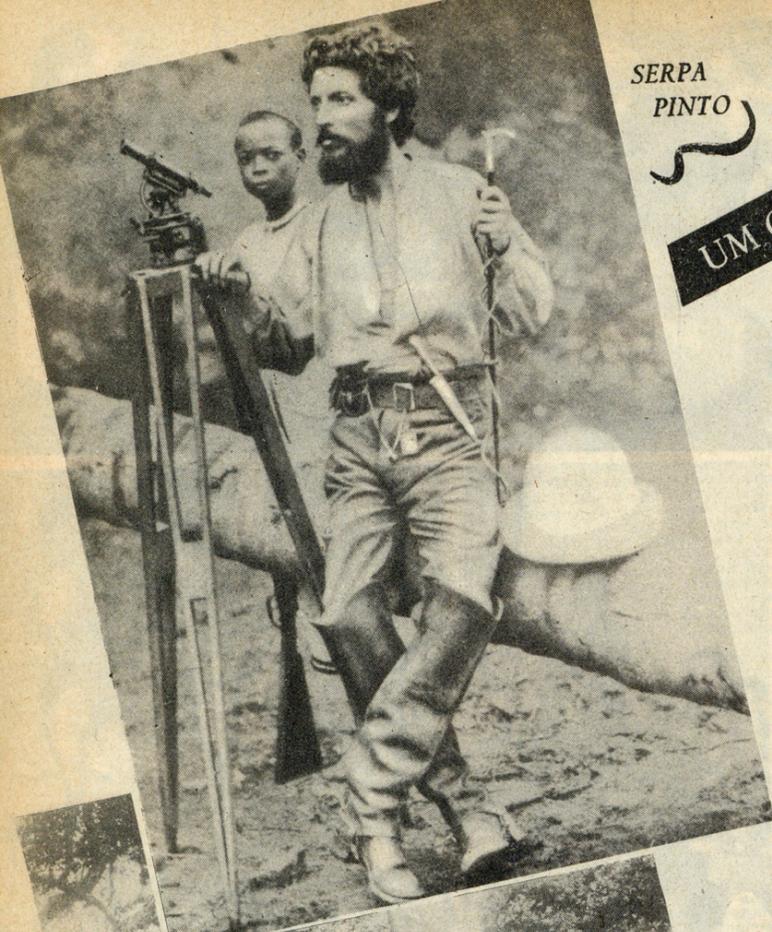
Editorial Minerva
31-RUA LUZ SORIANO-33
LISBOA



O sr. ministro da Guerra, no regresso da sua viagem aos Açores, passa revista à guarda de honra



tenente-coronel Santos Costa recebendo os cumprimentos do representante do Chefe do Estado e dos oficiais superiores do Exército, que o aguardavam.



SERPA PINTO

UM CAPÍTULO INÉDITO DE

A MARAVILHOSA VIAGEM DOS

EXPLORADORES PORTUGUESES

POR CASTRO SOROMENHO

tenda em penumbra, com a sua cadela *Traviata* aos pés. Os acontecimentos dos últimos dias e, sobretudo, a tentativa de assassinato na véspera, tiravam-lhe o sono. Sente-se dia a dia mais isolado naquele meio em que tudo lhe é hostil. Os indígenas falam dialectos que não entende e seguem-no de olhos carregados de suspeltas para onde quer que vá. Está rodeado de ciladas e espíões. Pesa-lhe o próprio ar que respira. De vez em quando, instintivamente, leva a mão ao revólver que traz à cinta, e é com um sorriso melancólico que dá conta desse gesto inútil. Mas o que mais o preocupa é o destino da Expedição, a marcha sobre o Zumbo, a fazer quanto antes, porque em cada dia que se passava aumentava a influência de Gambela sobre o ânimo irresoluto de Lobossi.

Gambela era a sombra que anoitecia a sua vida. Era a mão que guiava os assassinos que o espreitavam, olhos acesos de cólera, mal punha pé perfídia acampamento. Era a própria perfdia a corroer o espírito fraco de Lobossi, alimentando-lhe a vaidade e a ambição, para que visse no estrangeiro o seu maior inimigo, apostado na perdição do povo.

De súbito, *Traviata* levantou a cabeça, orelhas espetadas, e pôs-se a farejar. Brillhou o cano do revólver na mão do explorador. Com a respiração suspensa, quedou-se à escuta. Um rumor veio do fundo da tenda. Mas a cadela voltou a deitar-se a seus pés, dando à cauda. E ele viu, à luz vermelha do brasido, o busto da negra Mariana, que de rastos entrava na tenda, e compreendeu o seu gesto pedindo silêncio.

— Calumbuca atraícoo-te! — disse a negra, muito chegado ao explorador. E toda ela tremia, olhando para todos os lados, inquieta e medrosa das próprias sombras.

Falaram em voz baixa, quase murmurio. Cavaram-se rugas na fronte do explorador.

— Depois que voltou contigo da casa do rei, tornou a Lialul a falar com Gambela, e logo que chegou aqui, reuniu com muito sossego a gente de Silva Porto e esteve a falar com eles na barraca dele. Eu fui escutar, e ouvi falar em te matarem!

— Calumbuca! E esse o homem de confiança de Silva Porto! — disse o explorador a si mesmo.

Mariana informou-o de que Veríssimo Gonçalves assistira à reunião e que concordara com Calumbuca em traduzir a seu modo as conversas entre Lobossi e o branco, porque dessa sorte conseguiriam tecer a intriga que levaria o rei a mandá-lo matar.

— Toma cautela, olha que eles são muito maus! — e a negra voltou à noite do acampamento.

Nasceu o dia sem que Serpa Pinto pudesse dormir. E, logo de manhã, Gambela procurou-o com protestos de amizade, mostrando-se furioso com a tentativa de assassinato; depois, avisou-o de que estava pronta a largar para Benguela a comitiva de Lobossi, comandada por três chefes luinas. O explorador entregou-lhe as cartas para o Governador e Silva Porto. E saíram ao terreiro para verem a caravana largar, com o negro António de Pungo Andongo, seu guia, e os desertores bienos enquadrados pela escolta luina. Gambela tomou o caminho de Lialul e Serpa Pinto viu a caravana perder-se na distância, rumo ao Zambeze, entoando cantigas de adeus ao povo e à terra.

Na tenda fechada sobre as costas de Veríssimo Gonçalves, o explorador disse-lhe que escrevera ao Governador de Benguela a seu respeito, por sentir que ele desmerecia na sua confiança, pedindo-lhe a prisão de sua mãe, mulher e filho, porque se fosse vítima de traição dos seus bombeiros, ao mulato havia que pedir contas. Para o aterrorizar, acrescentou que essas pessoas de sua família seriam enviadas para Portugal, logo se soubesse da sua morte, para que os seus parentes se vingassem queimando-as vivas. As mãos do mulato tremiam e os olhos escancararam-se-lhe de pavor. Simulando nada perceber, Serpa Pinto falou-lhe, calmamente, em Calumbuca, revelando ligeira confiança dos seus propósitos, mas recomendou-lhe que ele de nada devia saber. E para que essa desconfiança não ganhasse caminho, o mulato passaria a falar-lhe em português, em presença de Lobossi, para que Calumbuca não os compreendesse.

Veríssimo Gonçalves estava sucumbido e o explorador sentiu que ele jogaria a própria vida contra Calumbuca para se salvar e às pessoas que lhe eram queridas.

— A tua família responde pela minha vida. Mas eu quero poder confiar em ti para que nada lhe aconteça.

Sem uma hesitação, Veríssimo Gonçalves confessou tudo, marcou os traidores e jurou servir fielmente Serpa Pinto.

Entardecia quando Lobossi lhe mandou dizer que estava pronta a gente que o acompanhava ao Zumbo e que a Expedição podia deixar o país quando quisesse.

Abria-se o horizonte que Gambela ensombrou com intrigas e traições. Serpa Pinto voltou a viver plenamente o sonho da travessia. Eram seus os caminhos da África! Em breve os ventos do mar Indico desfraldariam o pavilhão que ele empunhava desde as praias de Angola. O seu nome ia entrar na História e legendar-se ao lado de Livingston, Cameron e Stanley.

Não tivera tempo de estudar o sistema do Zambeze, apontado no itinerário de Silva Porto do Lui para Oeste não viu as suas nascentes, porque veio de rota batida ao Barotze, vencendo 480 milhas em 79 dias, desde a fronteira do Bié sobre o Coquelma a Zambeze de Lialul. Em todo esse percurso, só se desviou dos trilhos dos mercadores que foram pioneiros para descobrir as nascentes do Cuando, o rumo indicado pelo velho bandeirante de Belmonte, retomando em seguida o caminho de Silva Porto até ao Zumbo dos luinas. Passou a montante da foz do Cuito, atravessou o Onda e o Cuito, bebeu águas do Cuito, Cruzim e Langué-Bungo, cruzou o Cuchibi, Chicobul e Chalongo, aborreu-se do Luati, foi às nascentes Ninda e ultrapassou-o para viajar margem do Nengo, de onde largou o planícies encharcadas para o Zambeze. Sofreu mil canseiras, fomes e doenças e lutou contra a insubordinação dos bombeiros e carregadores, vivendo umas das mais extraordinárias aventuras humanas. Ampliou os mapas traçados pelos pioneiros e fez-lhes algumas rectificações. Procurou conhecer a vida do povo em cujas aldeias acampou, onde ao evocar o nome de Silva Porto removiam obstáculos e lhe franqueavam caminhos. Escreveu páginas de história dos povos negros e informou acerca da sua vida comercial e das relações com os brancos.

Agora que vai deixar Lialul para viver o último passo da sua grande aventura, medita nos resultados da viagem e vê que não foram inúteis os seus sacrifícios. A frente de uma Expedição mal preparada e lutando com falta de recursos, procurara resolver alguns problemas geográficos e deu o primeiro passo para pôr os luinas em comunicação directa com o comércio do Oeste, a fim de reerguer o Barotze na zona comercial de Angola.

As missões religiosas inglesas, e os seus hábeis missionários e agentes do comércio, aproximavam-se do Barotze, e esse grande e rico país está abandonado pelos mercadores portugueses, os únicos representantes da civilização que podiam erguer, com os seus balcões, os marcos de ocupação na fronteira da Conquista.

O explorador convencera o rei Barotze a mandar a Benguela a comitiva, porque pela mão dos lu-

in mercadores podiam, novamente, voltar a ocupar o país, antes das missões inglesas se instalarem no grande vale do Zambeze.

Serpa Pinto apressa a largada da Expedição para o Zumbo. Quer traçar a estrada comercial do Leste, ligando-a à que de Benguela vai para Angola. Ele quer tornar em realidade o sonho dos pioneiros de quatro séculos.

A caravana esperava o seu grito de largada.

O FEITIÇO DO BRANCO

Soltaram-se as brisas do Zambeze na noite serena. Nas savanas do grande vale, ondulam os capins. Piscam as primeiras estrelas nos fundos do céu. Lialul vinham a música e as cantigas dos guardas. Nas palhotas do acampamento da Expedição, junto da paliçada, bombeiros e carregadores conversam à volta dos lumes. Falam do país que vão deixar e da sua gente de costumes tão diferentes dos outros povos.

A porta da tenda, Serpa Pinto escuta a música que vem da cidade negra e uma grande melancolia invade. Amargura-se em saudades da sua terra tão distante e do lar onde deixou a mulher e a filha pequenina. Há muito que não tem notícias da família e dos amigos, perdido na solidão africana. Quando dá conta de si, seus pensamentos vão longe, para lá do grande Atlântico das aventuras da sua raça. Reage, lembra-se que está no meio da África, na rota da aventura e da glória, e logo, se põe a fazer projectos sobre a próxima partida para o Zumbo, com a gente de Lobossi pronta a largar e os seus homens em últimos preparativos. Amanhã ou depois, abrirá caminho.

Pontos luminosos, como estrelas a cair, riscam o espaço, ao redor do acampamento. Intrigado, o explorador dirige-se à paliçada. Aquelas luzes, tremeluzindo aqui e ali, sobressaltam-no. Nas palhotas, os seus homens conversam e fumam. Palavras soltas e gargalhadas chegam ao terreiro. De súbito, ele pára, olhos escancarados, sem querer acreditar no que vê. Por detrás da paliçada, luinas correm de um lado para o outro arremeçando archotes sobre as cabanas.

— Fogo!

Ao grito do explorador, que ecoou sobre Lialul, os homens saem das cabanas. Num relance, apercebem-se do que se trata, correm pelas armas e levantam alto na noite serena do Zambeze o seu grito de cólera. Mas já era tarde para evitar o perigo. As brisas espalharam rapidamente o fogo dos archotes sobre as palhotas de colmo seco e as labaredas envolviam o acampamento. Serpa Pinto, seguido por alguns dos seus homens, entra na tenda, salva armas e malas, instrumentos e papéis, e grita ordens aos bombeiros. Ao seu lado, Veríssimo Gonçalves e o caçador Augusto entreolham-se, e ambos pensam em Calumbuca, ausente do acampamento.

— Vai dizer a Lobossi e Machauana — recomenda Serpa Pinto ao mulato — que estamos cercados. Eu defendo-me aqui.

Gritos de guerra cruzam-se sobre o acampamento. Veríssimo rompe o círculo de fogo e desaparece na noite. Caem as primeiras azagalas no terreiro onde Serpa Pinto, desarmado, empunhava a bandeira da Expedição, rodeado pelos seus homens, de espingardas apontadas à horda que se lançara ao

assalto. Logo que os primeiros luinas saltaram a paliçada, eles abriram fogo, descarga sobre descarga. Mas os assaltantes não se intimidaram e, com gritos selváticos, fecharam num círculo de azagalas os cinquenta e seis fuzis da Expedição. Tombaram os primeiros mortos. Os bombeiros, mesmo os feridos, não cediam terreno, fazendo fogo em leque, o explorador ao meio, mãos firmes no pau da bandeira, dando ordens de comando com uma serenidade impressionante. Mantidos a distância pelas bocas de fogo, os luinas arremecavam as azagalas. Baleados de morte, tombavam sobre cadáveres, mas os seus postos eram logo ocupados. Eles tinham como certa a vitória e a recompensa de quem lhes armara o braço e tecera a traição.

Extinguiu-se o incêndio. Não restava mais barraca. E sobre as suas cinzas, bocas de luinas e de expedicionários exalavam o último suspiro. Uma azagalá rasgou a bandeira. Manchas de sangue alastravam no terreiro. Os que chegavam de fora, saltando as labaredas da paliçada tombada, pisavam cadáveres e feridos e lançavam-se, ululantes, ao ataque. Serpa Pinto vê-se perdido. É impossível aguentar aquela avalanche, o círculo de lanças a apertar mais e mais. E são muitas as baixas da Expedição. O caçador Augusto mostra-lhe a arma que acaba de rebentar e ele manda o moleque Pepeca entregar-lhe a sua carabina de elefantes. Logo, o caçador toma a dianteira dos bombeiros e abre fogo à queima-roupa. Uma seta espeta-se no pau da bandeira. É o fim! — pensa Serpa Pinto. Cresce em alucinação a gritaria dos luinas. Mas, de súbito, largam as lanças e correm, loucos, para a noite. Atónitos, os expedicionários vêem aquela debandada. Ninguém compreende o que se passara. Alguns pensam que os assaltantes estão sendo atacados pela rectaguarda, mas não se ouvem gritos de guerra.

Correm olhares inquietos ao redor. Nem sombra de luinas. No grande silêncio da noite, ouvem-se os gemidos dos feridos. Tudo tinha acabado, mas ninguém sabe como e porque.

Entre as ruínas do acampamento, sob o pavilhão rasgado a golpes de seta, os homens da Expedição estão exaustos e sucumbidos. A vitória traduz-se-lhes em ruínas, em cinzas. O fogo devorava os seus haveres. Só a bagagem do explorador se salvava.

Um grito veio de longe, da noite de Lialul, e todos se ergueram de um salto, de armas nas mãos. Mas ao avistarem Veríssimo Gonçalves, saudaram-no com ruidosa alegria. O mulato entrou no acampamento seguido por Machauana e seus homens armados. Vinham em socorro da Expedição e ficaram admirados com o que encontraram e ouviam.

Lobossi encarregara Machauana de dizer a Serpa Pinto que nada sabia daquele ataque e que ia providenciar e castigar os que nele entraram. Julgava-o com origem nos boatos que circulavam acerca de combinações entre o explorador e os *muzungos* que esta-



CASTRO SOROMENHO NUM APONTAMENTO DE MESQUITA

lência da noite, ouvem-se os gemidos dos feridos. Tudo tinha acabado, mas ninguém sabe como e porque.

Entre as ruínas do acampamento, sob o pavilhão rasgado a golpes de seta, os homens da Expedição estão exaustos e sucumbidos. A vitória traduz-se-lhes em ruínas, em cinzas. O fogo devorava os seus haveres. Só a bagagem do explorador se salvava.

Um grito veio de longe, da noite de Lialul, e todos se ergueram de um salto, de armas nas mãos. Mas ao avistarem Veríssimo Gonçalves, saudaram-no com ruidosa alegria. O mulato entrou no acampamento seguido por Machauana e seus homens armados. Vinham em socorro da Expedição e ficaram admirados com o que encontraram e ouviam.

Lobossi encarregara Machauana de dizer a Serpa Pinto que nada sabia daquele ataque e que ia providenciar e castigar os que nele entraram. Julgava-o com origem nos boatos que circulavam acerca de combinações entre o explorador e os *muzungos* que esta-

vam com Manuanino, em preparativos para atacarem o Lui. Enfurecidos, os luinas atacaram a Expedição, sem seu conhecimento, jurava, para lhe defenderem o trono das ameaças dos brancos.

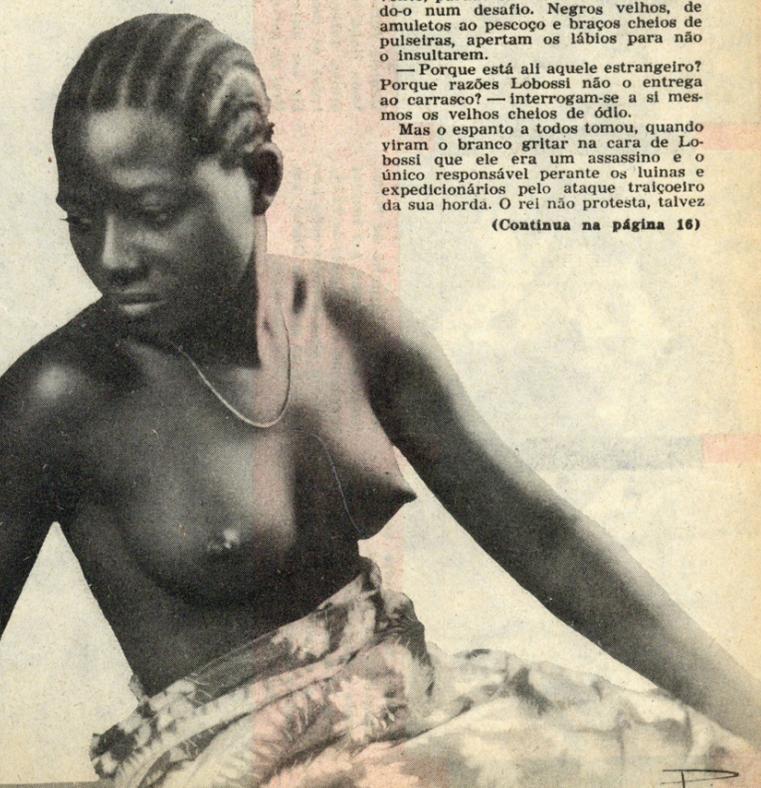
Naquela noite ninguém dormiu no acampamento coberto de cinzas e manchas de sangue. Até ao alvorecer, socorreram-se os feridos e vigiaram-se os caminhos de Lialul, porque embora Lobossi lastimasse o desastre ninguém acreditava nas suas palavras, tantas vezes desmentidas pelos acontecimentos. Todos os olhares procuravam a sombra de Calumbuca, o traidor, mas ninguém ousava pronunciar o seu nome.

As primeiras horas da manhã cheia de sol, Serpa Pinto encontra-se na praça pública de Lialul, em frente de Lobossi. O povo apinhava-se ao redor do seu rei. Gambela estava ausente. A chegada do explorador, fizera-se um grande silêncio. Ouviam-se as cantigas dos barqueiros do Zambeze e os brados arrastados dos pastores, nas savanas da margem do rio. Todos os olhos se abriram em curiosidade para o homem branco, de olhos meigos e tristes, esfarrapado e sujo, os cabelos soltos ao vento, parado em frente do rei e olhando-o num desafio. Negros velhos, de amuletos ao pescoço e braços cheios de pulseiras, apertam os lábios para não o insultarem.

— Porque está ali aquele estrangeiro? Porque razões Lobossi não o entrega ao carrasco? — interrogam-se a si mesmos os velhos cheios de ódio.

Mas o espanto a todos tomou, quando viram o branco gritar na cara de Lobossi que ele era um assassino e o único responsável perante os luinas e expedicionários pelo ataque traidor da sua horda. O rei não protesta, talvez

(Continua na página 16)



BELEZA BANTU

A TRAIÇÃO DOS POMBEIROS

Os tambores de Lialul tinham emudecido há muito tempo. Os luinas dormiam sonos soltos nas suas casas de caniços. Nos alpendres dos terreiros, os fumadores de libamba sonhavam jornadas por mundos de maravilha... Ardiam fogos brandos na praça pública. No acampamento da Expedição não se ouvia uma voz. Sentada em frente das labaredas de uma grande fogueira, a sentinela dormitava com o rifle atravessado nas pernas. Ao longe, nas ilhotas do Zambeze, as fogueiras das aldeias crepitavam na noite de mistério do grande rio. E, ao redor

de Lialul, patrulhas deslizavam nas trevas, de longe em longe abertas por uma boca de lume, em povoações ribeirinhas, a assinalar ao caminhar retardado ou perdido o rumo da capital do Barotze.

Na cidade adormecida, a guarda de Lobossi começou a tocar uma música monótona e triste, e quarenta vezes cantaram em coro, a meia voz. Com essa música embala-se o guarda vela «serve para mostrar que a guarda vela em torno do seu aposento». Serpa Pinto ouve a música triste e as cantigas harmoniosas dos guardas, trazidas pelas brisas do Zambeze. Está sentado de frente das chamas de um braseiro, a

75.000 FOTOGRAFIAS



Hitler na companhia de Eva Braun.



No dia do aniversário do Führer, em 20 de Abril de 1944, Hitler na companhia de Jodl e Keitel.



Hitler discursando na cervejaria de Munique, em 1939, no dia que estalou ali uma bomba quando já tinha partido.



Hoffman era o único fotógrafo que podia entrar em Borchersgaden. Nesta fotografia vemos Goering e Hitler.



Quando Hitler soube que Hoffman tinha tirado aquela fotografia, autorizou-o a assistir a todas as manifestações nazis. Eis um instante de Rudolf Hess na cervejaria de Munique.



A primeira fotografia de Hitler tirada por Hoffman, por simples acaso, em 2 de Agosto de 1914, durante uma manifestação patriótica na praça do Odéon, em Munique.



Hoffman foi, durante anos, o fotógrafo de Hitler. Actualmente encarcerado em Nuremberg, há meses que ele se entretem a classificar cronologicamente a sua colecção de 75.000 fotografias de Hitler.

...MAS FALTA UMA: ...A DA MORTE DE HITLER!

O fotógrafo Hoffman foi encarcerado pelos americanos na prisão de Nuremberg. Passa ali o seu tempo entretido a classificar as 75.000 fotografias que, na sua qualidade de fotógrafo encartado de Hitler, tirou durante anos ao senhor da Alemanha e aos seus fiéis servidores. Hitler transformou Hoffman no «fotógrafo da corte» — o homem usava um nome predestinado — no dia em que, depois da primeira guerra mundial, ele descobriu em casa deste obscuro personagem uma fotografia tirada a 2 de Agosto de 1914, em Munique, onde se vê Hitler perorando no meio de uma assembleia política. O advento do nacional-socialismo fez a fortuna do fotógrafo, que se tornou o fotógrafo oficial do regime, e desde então pôde gabar-se de possuir o melhor cliente do Reich e, talvez, do mundo.

A colecção de Hoffman constitui um documento de algum valor, mas infelizmente está incompleta porque lhe falta a fotografia n.º 75.000, que representaria a morte tanta vez descrita de Hitler e Eva Braun, nas ruínas fumegantes da Chancelaria do Reich...



Em 19 de Setembro de 1944, no grande quartel general do Führer, em Rastenburg, Morell e Geising, médicos de Hitler, a pedido deste tiraram-lhe a radiografia do crânio.



Um aspecto do Estádio Nacional, durante as provas de atletismo

Alguns aspectos gráficos da chegada dos corredores da XI VOLTA A PORTUGAL em bicicleta e do festival desportivo realizado no ESTADIO



Driss recebe um ramo de flores duma admiradora



A chegada à «meta»



A chegada da Paquete, do Benfica, vencedor das 100 jardas, sénior.



Da direita para a esquerda: Serafim Paulo, o vencedor na categoria «amadores», do Lisgás; José Martins, vencedor da prova; Fernando Moreira, do Porto, segundo classificado na categoria «independentes»; Eduardo Lopes, chefe da equipa da «Iluminante», vencedora da prova por equipas; e Driss, que ganhou a etapa de Lisboa.



Um aspecto do Benfica-Belenenses, no «torneio-relâmpago» para a Taça «Vencedores da Volta».



No Belenenses-Atlético. Uma fase movimentada do encontro.

PRODUTOS QUE REJUVENECEM A PESSOA



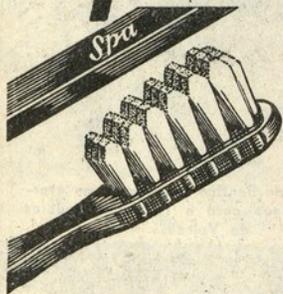
**ASSEGURE A FRESCURA
E ROBUSTEZ DOS SEUS CABELOS
USANDO**

Petróleo iodado
Cliper

Os cabelos deixam de cair — Novos
cabelos nascem com abundância

*Experimentar os produtos Cliper
significa adoptá-los para sempre*

**USE
SEMPRE**
Spa (Regd.)
ESCOVAS DE DENTES



"Spa" a nova escova de dentes com
pêlos de "nylon" representa um
grande adiantamento na hygiene
dental. "Spa" limpa melhor os
dentes, dura mais e é muito higie-
nica. Uma simples enxaguadela e a
"Spa" fica tão limpa e elástica
como quando foi comprada. Dureza
média e rija. A venda em toda a
parte.

Fabricadas por
JOHN FREEMAN & CO. LTD.,
SPA Brush Works, Chesham, Bucks., England

Deposítários: J. Pires Tavares, Sucrs.-J. da Silva Pires, L.^{da} Lisboa

para a hygiene dental!

S.P. 2

"O ROMANCE DE GARRETT" UM NOVO FILME PORTUGUÊS



Confirmam-se os boatos que corriam nos
meios cinematográficos, sobre o projecto de
um novo super-filme nacional baseado no livro
de José Osório de Oliveira: «O Romance de
Garrett». Toda a nossa época romântica, ainda
mal aproveitada pela cinematografia portu-
guesa, irá reviver no celuloide, tendo como
centro aquela que foi a sua figura central: o
genial criador do «Frei Luís de Sousa» e da
«Joaninha dos Olhos Verdes», o grande poeta
das «Folhas Caídas», o árbitro das elegâncias,
o paladino do verdadeiro liberalismo, o maior
amoroso português depois de Camões.

ECONOMIA FEMININA

MANUEL MARTINHO

INICIOU-SE, agora, por aí, uma cam-
panha de bom gosto, nestas coisas
do vestuário. Devido à escassez das
fazendas e às boas regras da eco-
nomia, poucas são as pessoas que usam,
em vez de casacos, aqueles horríveis
sobretudoiros que chegam ao joelho, com
um desperdício enorme de tecido nas
abas largas.

As senhoras, também, já não exorbi-
tam com pregas, preguinhas e plissados
— além, claro, das saias rodadas,
largas, imensas, que davam, à vontade,
para albergar a família inteira.

Antigamente era uma grande moda
os vestidinhos apertados, bem cintados,
que realçavam as formas. As damas
vinham para a rua como se tivessem
sido estampadas nos vestidos. Depois,
a moda inventou, com a largueza exorbi-
tante que convém aos alfaiates, as
blusas bambas, as saias larguíssimas, os
casacões com mangas postícias, de fole.
Toda a gente, claro, seguiu a moda.
Achou até aquilo muito natural. Dos
três e picos que um vestido levava,
passaram a comprar quatro e cinco
metros de tecido. Só em casa, porém, é
que existia a economia.

Se a criada frigia ovos com manteiga
reflava logo a patroa na cozinha, pelas
duas colheradas, «que eram demais».

Tudo era bem vigiado, desde os gé-
neros ao contador do gás.

Só para a modista, porém, mãos lar-
gas. Nada de economias.

Se a mulherzita pedia mais uns
forros, botões doirados, tobralco para

enfeites ou rendas para guarnições,
pronto, chegava-se num instante ao
retrozeiro e, de alto, num tom imper-
tinento, diziam logo:

— Corte dois metros, do mais caro,
se faz favor!

E é que cortavam mesmo. Feliz-
mente, agora, o caso vai mudando de
figura. Os tecidos já se não compram
tão vantajosamente. Com meio metro
há senhoras que fazem um encantador
vestido.

E porquê? As saias, por cima dos
joelhos, as mangas — ou, por outra, os
braços sem mangas — os decotes muito
largos e nus, e, a coroar tudo isto, nada
de enfeites nem de plissados, que levam
fazenda.

Anuncia-se agora, para breve, um
novo tipo de vestido de fantasia, ame-
ricano por excelência, que as estrelas
de Hollywood usam com extraordinária
imponência.

Trata-se, nadá mais nada menos, dum
estupendo cobertor igualzinho àquêle
que a Laura Alves exhibiu no teatro e
que, guardado de fitas e laços, tem
as duas aplicações: a de servir de ca-
saco de abafa, para o inverno, e, em
casa, para aquecer a cama.

Assim, desta maneira, a economia fe-
minina vai lucrar imenso. Nestes tem-
pos difíceis que atravessamos, tudo tem
que ser bem poupado.

As mulheres, que têm fama de gasta-
doras, vão dar, pois, a primeira pala-
vra de ordem neste grave problema das
economias.

PALAVRAS CRUZADAS

(Correspondência a Augusto Teixeira
Marques, Rua Marques de Sá da Ban-
deira, 108, 3.º — Lisboa).

PROBLEMA N.º 76

Por Jorge Pessoa Pereira

(Lisboa)

ENUNCIADO

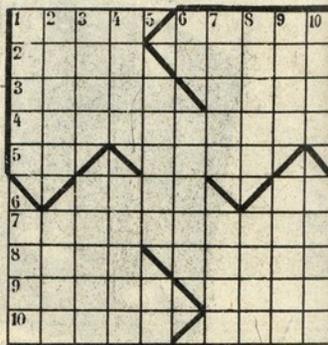
HORIZONTAIS: 1 — Ser supremo,
criador do universo; gás simples, que
entra na composição do ar atmosférico.
2 — Aquilo que existe; pequeno cesto
usado pelos pretos em Lourenço Mar-
ques (pl.). **3** — Conjunto dos indivi-
duos que seguem a mesma doutrina;
escarneiras. **4** — Causa a polarização
de. **5** — Pertences; ervadoce. **6** — Vento
brando; neste lugar. **7** — Privar das
qualidades naturais. **8** — Da mesma
maneira; louco. **9** — Insista em; interj.
(designa ralva). **10** — Mulheres; reduzir
a pó.

VERTICAIS: 1 — Tira o próprio ves-
tuário; sacrificais. **2** — Semelhantes ao
bronze; resile. **3** — Vantajoso; que incl.
4 — Ponteiro de relógio; concillara. **5** —
Ave semelhante ao papagaio; estás.
6 — Carta de jogar com um só ponto;
não nascido. **7** — Repreendi com aspe-
reza; adorno que o supremo sacerdote
dos judeus punha ao peito quando
tinha de consultar a Deus, em casos de
grande interesse público. **8** — Misturas
com ópio; que não é denso. **9** — Trove-
jar leito tocco e pobre. **10** — Catafalco;
cobrir de areia.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 75

HORIZONTAIS: 1 — Cú; há. — Genr;
atar. **3** — Odre; ar; reco. **4** — Atela; te;
marel. **5** — Renegado; rema. **6** — Ira-
cunda. **7** — Refazias. **8** — Naus; aviá-
rios. **9** — Urrar; ar; padre. **10** — Pulli-
má; amel. **11** — Aspa; amel. **12** — As;
és.

VERTICAIS: 1 — Ar; nu. **2** — Goté;
arpa. **3** — Eden; ir; urus. **4** — Cárle; ré;
salpa. **5** — Area; gafarias. **6** — Ataca-
vam. **7** — Reduzira. **8** — Harmonia;
paté. **9** — Atear; dá; ramos. **10** — Aere-
ás; idem. **11** — Roem; orid. **12** — Lá; sé;





A PROVÍNCIA VAI CONHECER PESSOALMENTE OS ELEMENTOS DAS "EMISSÕES RECREATIVAS" DE "RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS"

— E conseguiu-lo-á, com certeza! Quanto à terra de estrela...

— Santarém. No Teatro Rosa Damasceno, para abrir com chave de ouro!

— Depois...
— Leiria, Bombarral, Ovar, etc. Pena é que o desinteresse ou incompreensão de algumas empresas nos privem do prazer de visitar várias localidades, onde contamos muitas e grandes simpatias. Paciência. Para outra vez será! A maior parte, porém, correspondeu com o maior entusiasmo à nossa iniciativa, o que muito nos anima e desvanece.

— Pois, satisfeita a nossa curiosidade, obrigados pela entrevista, boa viagem e muitos êxitos!

— Obrigado, eu! Obrigados, todos nós! Não esqueceremos a «Vida Mundial», para nos entreter e distrair durante a viagem!
Assim nos falou José de Oliveira Cosme, com a simplicidade e segurança que lhe são peculiares, na certeza de que o público da província não perderá este ensejo de lhe demonstrar o apreço e simpatia, a que ele e os seus artistas têm jus, depois de 14 anos consecutivos de esforços e cansaças no sentido de proporcionar a todos os ouvintes tantas e tantas horas de alegre e sadia distração.

JOSÉ DE OLIVEIRA COSME

JOSÉ de Oliveira Cosme, o infatigável produtor radiofónico, autor de tantas composições musicais rapidamente vulgarizadas, como a célebre valsa «Mães», e, mais recentemente, o já popular fado «Dedicação», e que há 14 anos organiza e apresenta as «Emissões Recreativas» de Rádio Clube Português, decidiu agora, e muito bem, proporcionar aos seus numerosos ouvintes da Província o ensejo de o conhecerem pessoalmente e aos seus colaboradores habituais, entre os quais se conta a popular Mimi.

Quase em véspera de partida, conseguimos encontrá-lo, e perguntámos-lhe: — Então, quando é a largada?

— No próximo dia 7, dum garage da rua da Palma.
— Ah, vão de automóvel?
— Vamos de camioneta. Nos tempos actuais, com os combolos a abarrotar para todos e por todos os lados, só se eu fosse doido me aventuraria a transportar em Caminho de Ferro quinze pessoas e a respectiva bagagem — só os vestidos das raparigas, santo Deus! — com a enorme responsabilidade de datas e horas fixas a observar!
— São, então, quinze pessoas?
— Sim, senhor, contando com a orquestra.

— Também leva músicos?
— Um excelente agrupamento, em que se contam solistas de categoria e que farão no palco vários números de exibição.

— Quanto ao elenco propriamente dito...

— Mimi Extremadouro, ouvida em todo o país, desde os seis anos de idade, e que vai aparecer já mulher aos inúmeros admiradores que conta lá por fora; Lidia Nunes, um nome que rapidamente se popularizou, graças à sua interpretação do fado «Dedicação»; a pequena Milly, nas suas graciosas recitações, nomeadamente a poesia «Radianças»; trabalho de valor, quer na composição, quer na interpretação; Maria Margarida, um delicioso fio de voz, que tem a seu cargo os números de carácter moderno; Sebastião Coelho, nome já tradicional nos meus programas, criador inesquecível do tango «Aquele olhar»; José Fernandes, o simpático e despretenhoso poeta-cavador, nas suas inspiradas composições que todo o país trauteia: «Capelinhas», «Maria Belas», etc.; e, finalmente, o meu particular e inseparável amigo Cosme, que...

— Não diga mais! Que animará, de verdade, todo o espectáculo, com os seus recitativos humorísticos, comentários oportunos à vida actual, anedotas, etc.
— Farei a diligência por despertar e conservar no público o interesse e a boa disposição indispensáveis ao êxito que licitamente ambiciono.

"55" o Batón da Moda não tem rival

ROSICLER
Meias
R.D.A ASSUNÇÃO, 71 LISBOA
LOJA E 1.º ANDAR

o verdadeiro
PETROLEO PIVER

Petroleo «PIVER»
O PETRÓLEO «PIVER» foi estudado com todos os cuidados e atenções, pelos cientistas franceses, para revigoramento do cabelo.
A sua acção físico-química faz-se depressa sentir e manifesta óptimos resultados.

LT PIVER

Enigma

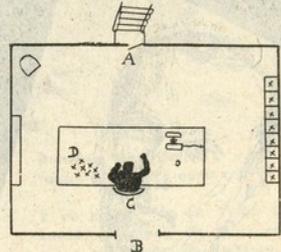
Orientado por Leiria Dias

II TORNEIO

PROBLEMA N.º 4(16)

A MORTE NO ESCURO

por ARTUR VARATOJO



CLARK Watley fora assassinado com um tiro no peito.

Sobre a mesa, do seu lado esquerdo, yiam-se os fragmentos dum balão de vidro estilhaçado por um projectil. Decerto uma bala. A manga do casaco do mesmo lado, estava ensopada em sangue proveniente do ferimento produzido pelo tiro que lhe atingira o cotovelo, quebrando-lhe o braço pela articulação.

Declarações do porteiro do prédio onde estava instalado o laboratório de Burke & Whatley:

— «Cerca das duas e meia da manhã, vi passar um negro de aparência suspeita. Pouco depois ouvi um grito que me pareceu vir dos lados do laboratório, e subi a observar.

Cruzei-me com o negro, que descia apressadamente, e continuei até ao laboratório. Logo que dei com o cadáver corri a telefonar-lhe, sem ter tocado em nada».

Burke, o outro químico, declarou: — «Eu sei quem foi o assassino! Na policia chamam-lhe o «Matador Negro», e fui eu quem o enviei da última vez para a cadeia.

Viu-o há pouco aqui no «hall», e escondi-me; mas quando o vi subir, calculei as suas intenções, e como deixara Clark fazendo uma experiência às escuras, corri pela escada de salvação, supondo chegar a tempo de avisá-lo. Cheguei com um pequeno atraso... ele atirou duas vezes com um silenciador sobre Clark, que caiu logo para a frente, com um grito.

Desci as escadas o mais rapidamente que podia, na esperança de poder ao menos conseguir a captura do assassino. Infelizmente caí, ferindo-me seriamente.

Ao saber que o porteiro lhe telefonara, fui à farmácia receber curativos».

Burke apresentava sérias escoriações na cara e nos braços.

Dentro de pouco tempo a policia conseguia capturar Bill, o «Matador Negro», e colocava-o em frente de Burke para este o identificar.

Bill, ao dar com os olhos no químico, balbuciou, ao mesmo tempo que escondia a cara nas mãos para se proteger duma visão:

— Mas... mas... eu... matei-o!

Ele estava debruçado... e eu delhe... dois tiros!...

É impossível... Não é ele!

Em face da evidência, o negro tentou lançar-se sobre Burke, que recuou aterrorizado.

Dois guardas detiveram o «Mata-dor», enquanto Richad Evil fazia o relatório...

Qual foi o relatório do detective?...

Ou, qual seria o seu, leitor?

Envie-nos as suas respostas até ao dia 19 de Setembro corrente, mas não esqueça de o fazer até essa data.

REGISTO DE PROBLEMAS

Um tiro no acampamento, por Oraval: aprovado sem favor, e entrará no presente torneio.

Respondendo a vários colaboradores, informamos que aceitamos todos os problemas que nos enviarem, não prometendo, porém, a sua publicação imediata.

CLASSIFICAÇÃO POR EQUIPAS

Conforme prometemos, damos hoje a constituição de mais duas equipas:

Equipa «Enigma» — Sete de Espadas, All-Round Detective, Inspector Radar, Juvenal de Oliveira e Fernando Rosa.

Equipa «Águia» — Fantomas, Detective Águia, Filipe José da Silva, Mário Marques e Rial Verro.

Outras se seguirão no próximo número, talvez as últimas, se mais ninguém se manifestar.

POSTA RESTANTE

R. P. — Recebi o seu problema, mas não o acho totalmente bom. Brevemente trocaremos impressões de viva voz. Saudações.

Natércia Leite — Os meus melhores cumprimentos. O seu aparecimento na minha secção enche-me de júbilo, e, decerto, a todos quantos admiram as suas esplêndidas qualidades de decifrador. Espero que não se dê mal, e... fique.

Artur Neves Aguas — Mais um amigo que chega e que eu saúdo muito sinceramente.

João Macedo — Porque não escreve para o «Sempre Fixe»? Mal empregado tempo e papel que gastou... As ordens.

Oraval — Como vê, o seu problema foi aceite. Um abraço.

Rocamboldo — Tem recebido a revista? Espero umas letras suas.

Detective Branco — Não quer começar a sua actividade policial? Creia que seria belamente recebido.

A — Escada de salvação e janela entreaberta. B — Porta do laboratório. C — A vítima. D — Estilhaços do balão de vidro.

A MUNDIAL
SEGUROS

SANGUE RENOVADO
CABELO PARA SEMPRE



COMPRIMIDOS
Crinisil

O REMINERALISADOR DO SANGUE

COMPOSIÇÃO: FERRO, MANGANÉS, CÁLCIO E SÍLICA

NA LUTA CONTRA
A QUEDA DO CABELO

TUBO DE 50 COMPRIMIDOS: ESCUDOS 25500 NAS FARMÁCIAS

DEPOSITÁRIOS: ESTABELECIMENTOS CANOBBIO
RUA DAMASCENO MONTEIRO 142 — LISBOA



EXTENUADA?
NERVOSA?
IRRITÁVEL?

NÃO!

MÁ
DIGESTÃO



Há muita gente que faz pouco caso das perturbações gástricas. Estas podem tornar-se muito graves, se não forem atendidas, dando origem a incómodos ou dores crónicas, após as refeições. Não há que estranhar que a Senhora se sinta nervosa, irritável e sem energia para os afazeres diários. Se a atormentam perturbações da digestão, tome um pouco de Magnésia Bisurada depois da próxima refeição. Proporciona-lhe um alívio imediato, pois neutraliza o excesso de acidez do estômago, restaurando as suas funções normais. Com uma boa digestão, a Senhora sentir-se-á contente, com saúde e cheia de energia.

DIGESTÃO ASSEGURADA
com **MAGNESIA BISURADA**

À venda em todas as farmácias, a 15\$00 e 23\$00, pó ou comprimidos.

DOIS ASPECTOS DA INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO-FEIRA DE BENFICA



O Chere do Estado e entidades oficiais no acto inaugural da Exposição-Feira de Benfca



O sr. general Carmona na sua visita aos vários «stands» da Feira de Benfca



UM ANÚNCIO ORIGINAL

TODOS os dias os jornais publicam anúncios mais ou menos dignos da nossa atenção. Cavalheiros graves que querem casar e entendem que a melhor maneira de resolver o seu problema é pagando doze ou quinze escudos na sucursal do «Notícias»; rapazes novos que não se acham capazes de arranjar uma noiva senão por anúncio; funcionários coloniais que pretendem uma esposa para levar para a África — uma espécie de «mercado negro» do amor; senhores de meia idade que querem uma senhora com a idade inteira e casa posta, etc.

E nada disso nos choca. Cada um anuncia o que quer, e temos de admitir todos os estudos de alma — mesmo os mais incompreensíveis: — O rapaz que não tem coragem para arranjar uma noiva entendendo-se com ela por palavras; o que quer escolher entre as fotografias que lhe mandem pelo correio — tudo é, para nós, admissível.

Porém, há dias, um anúncio do «Notícias», desses do género amoroso, claro, chocou-nos profundamente. Chocou-nos,

pelo que representa de anti-patriótico; pelo que exhibe de desprezo pelos homens de Portugal; por tudo quanto manifesta de loucura amorosa, ou até — quem sabe? — talvez de simples loucura, de que o amor não é responsável...

Nesse anúncio, que distinguimos de todos e mereceu a nossa maior repulsa, uma jovem lisboeta declarava desejar conhecer, para fins matrimoniais, um oficial da esquadra americana, que então se encontrava no Tejo!

Uma portuguesinha gentil que tanto descreu dos portugueses, que aproveitava a vinda a Lisboa duma esquadra estrangeira, para conhecer um estrangeiro «para fins matrimoniais»

Não sabemos, evidentemente, se algum oficial americano respondeu à chamada e quis casar com a rapariga. Mas oxalá o pedido da pequena tenha sido bem sucedido! Porque, se um americano casasse com ela e a levasse de cá, prestava, sem dúvida, um grande favor ao nosso país!

Era uma doente a menos, neste manicomio de amor que são os anúncios dos jornais, era uma vaga para nova doente, e era — deixem-nos desabafar, por favor! — uma portuguesa indesejável que deixava de destoar neste conjunto de portuguesas gentis!

ANIBAL NAZARÉ

UM ARTISTA

AMÉRICO TABORDA

ARTISTA de talento, Américo Taborda expõe, agora, em Sintra, os seus últimos trabalhos de pintura e desenho, entre os quais se contam alguns sobre motivos locais. São cerca de quarenta os trabalhos agora apresentados pelo artista no Palácio Valença, e servem para, mais uma vez, se confirmarem as qualidades de Américo Taborda como artista do nosso tempo.



Américo Taborda



«Composição» (pastel)



Sintra - Capela Românica (desenho)



Uma aguarela: «Cravos»



No Batalhão de Sapadores Bombeiros foi, há dias, prestada uma expressiva homenagem ao respectivo comandante, sr. major Gomes Marques. Na foto vê-se o chefe Pais entregando uma mensagem ao homenageado.



Um aspecto do casamento realizado em Bissau entre a sr.ª D. Maria Isilda Voss Wahnnon, filha do comerciante e industrial sr. Mário Lima, e o sr. António José Flamengo, empregado superior da firma Ed. Guedes, Limitada. Entre a elegante assistência via-se o sr. governador civil da colónia.



O primeiro almoço da tertúlia «Festa Brava», há dias remozado

ODOL sinónimo de:

*Dentes brancos e brilhantes
Gengivas rosadas
Alito puro e agradável*



A PASTA DENTIFRICA 100 %

Peça nas boas Farmácias, Perfumarias e Drograrias um produto de confiança e lhe aconselharão

ODOL

CASTRO SOROMENHO

(Continuação da pág. 7)

nem tenha ouvido as suas palavras duras, tão dominado está por uma ideia fixa, que não o deixara dormir toda a noite e o torturava surdo às vozes dos seus conselheiros. Serpa Pinto volta-se para o povo, olhos postos nos velhos raparocos que estão à frente, aponta para Lobossi e diz «que aqueles que tivessem de chorar a perda de parentes, só a ele deviam lançar as culpas». O rei ficou impávido, como que não tocou a acusação. Abrem-se dihos carregados de rancor e despeito, porque aquele rei que tantas cabeças mandava cortar, não entregava à morte o estrangeiro rebelde e insolente. Os velhos cravam olhares em Lobossi e estão inquietos e ansiosos, suspensos de um seu gesto para levarem o branco à morte. Mas ele não se move e só pensa no feitico com que o estrangeiro salvou a vida. No meio de um grande e angustioso silêncio, ele começa a falar, humilha-se ao branco, repetindo-lhe tudo que mandara dizer por Machauana. Os velhos baixam os olhos, humilhados e ofendidos, e apertam as mãos com desespero. E todos estão espantados. Mas Lobossi continua a falar e pede ao explorador que lhe dê ou ensine o feitico que tinha empregado na véspera fazendo com que os pretos rebentassem por si. Num relance, Serpa Pinto como que viu o que se passara e teve vontade de largar a rir às gargalhadas. O caçador Augusto, ao servir-se da sua carabina de elefantes, usara, inadvertidamente, balas de nitro-glicerina, e os luinas atingidos rebentaram por si... Não podia ser outra coisa, como depois constatou. Agora, compreendia o pavor que se apoderara dos assaltantes e a sua debandada.

→ O feitico do branco...
Depois de ter avisado Lobossi de que ia abandonar as ruínas do acampamento para viver nas montanhas, onde pudesse com vantagem resistir a um novo ataque, Serpa Pinto deixou a cidade. Mas o estado dos feridos era grave, e só volvidos três dias pôde abandonar o acampamento.

Os luinas deixaram de aparecer no acampamento, e todos recusavam vender um bago de milho que fosse à gente da Expedição. O próprio Lobossi escusava-se aos pedidos do explorador, alegando nada ter para lhe dar...

— Condenados à morte pela fome!
Lobossi e os seus conselheiros andavam loucos com o feitico do branco... Não atribuíam às balas a causa dos negros rebentarem por si... mas ao poder feiticeiro do branco que mandara o Augusto disparar a sua carabina. Mas esse era o segredo do branco, e os brancos não revelam os seus feiticos aos negros...

Depois de dois dias de fome, os expedicionários debruçaram-se sobre as lagoas, viveiros de mosquitos, nas margens do Zambeze, e devoraram pelxes tostados a fogo lento. E caçaram patos bravos e lagartos do rio.

Só Machauana não abandonou o explorador, e fazia-lhe chegar às mãos cabacas de leite. De Calumbuca e Gambela não havia notícias no acampamento.

Na manhã de 9 de Setembro, a bandeira da Expedição cruzou a planície e foi plantada em Catongo, sobre o Zambeze.

AS GIRLS INGLESAS

(Continuação da pág. 4)

falda Evandauns, hoje retrada de cena. Ele, então, um esbelto rapaz, e elas duas encantadoras raparigas, idênticos todos, primorosamente. Fizeram um grande sucesso. Nós, que nesse tempo andávamos sempre juntos, muitas vezes os fomos aplaudir.

Quase no fim destas frases do meu amigo de Paris, como eu lhe chamava, tinha vindo ter connosco um companheiro dos nossos tempos de rapaz, bom alentejano, belo carácter, mas muito «bota de elástico», que com muita atenção ouviu a descrição do que são hoje as nossas gentis «girls». Meteu, então, a nossa colherada, dizendo: «Tu tens razão quanto aos elogios que fazes a Piero, mas, meu caro, confesso que tenho muitas saudades das coristas do nosso tempo!».

Admiramos com o que acabávamos de ouvir, exclamamos: «Tu estás é a «chuchura» connosco!» Palavra que falo a sério. Elas eram realmente sensaboras, tinham todas os mesmos inspidos restos, faziam um grande esforço

em levantar as pernas, mas, meninos, que perfeição de mulheres! Bastavam seis para encher um palco! Eram gordas, anafadas, bem tratadas!

Via-se que reinava a abundância! Que não havia racionamento! Comiam carne, muita carne!».

Então, vendo que ele se dispunha a continuar a elogiar as gorduras dessas pavorosas coristas, não me contive e atirei-lhe com esta frase «atômica», que o reduziu ao silêncio: «Cala-te, pele vermelha! Tu és a vergonha da nossa geração!».

CRÓNICA INTERNACIONAL

(Continuação da pág. 19)

caso do Danúbio como curso de água internacional, no qual, semelhantemente àquela, os anglo-saxões pretendem uma navegação livre e um regime de fiscalização internacional, e os russos que esta fiscalização seja confiada apenas aos Estados Danubianos.

É preciso seguir, não o que propriamente se passe no exterior do cenário, mas nas comissões onde está ou vai

debater-se, dentro da Conferência de Paris os problemas coligados da Itália e dos Balcãs, e porventura na nova reunião dos Três ou dos Quatro Grandes, que a Rússia deseja e apola.

De resto, Harold King — depois de informar que os meios mais autorizados da Conferência de Paris «acentuavam que a nota russa primitiva estava de acordo com o entendimento de Potsdam, sendo dirigida à Turquia e mantendo simplesmente informados os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, e que, se a Grã-Bretanha e os Estados Unidos apresentarem as suas observações ao Kremlin, isso de forma nenhuma implica qualquer obrigação por parte do Governo soviético de prolongar por mais tempo qualquer discussão» — cortava no dia 24 os vóos aos alvitreiros gulosos da guerra-à-vista, lembrando que naqueles mesmos meios ninguém acreditava que «o Governo soviético esteja preparado para tomar oficialmente a atitude de reclamar a fiscalização internacional de Suez, de Kiel e do Panamá, pelo menos nos tempos mais próximos». Assim como no Danúbio só lhe interessa o senhorio das bocas do rio e o acesso à navegação livre, nos Dardanelos o que lhe interessa é sair para o Mediterrâneo, para mais com uma garantia internacional. De resto, é preciso ter-se presente que

o «Times» logo no dia 15 dizia: «que, na revisão da Convenção de Montreux, a principal tarefa consiste na reconciliação dos interesses da Rússia, Grã-Bretanha e Estados Unidos; que as três primeiras bases russas, isto é, aquelas concordes com as dos Estados Unidos são até «bastante razoáveis»; e que enada, na forma como a Rússia apresentou o seu caso, sugere que ela não reconheça o direito da América e desses Estados, que assinaram a Convenção, de serem consultados sobre a revisão». A diplomacia é uma arte dissimulada e difícil que joga com as erosões dilatórias do tempo.



O Grémio dos Fósforos, Rossio 74-1° D, dá um cinzeiro em troca de 500 etiquetas Clube ou oferece um cinzeiro com uma caixa de fósforos Clube contra entrega de 7550

Um fóstoro económico especialmente recomendado para uso caseiro



PARA SI, MINHA SENHORA

4 MODELOS ORIGINAIS DE ARMINDA PEREIRA

EXCLUSIVO DE "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"



1) Elegante e muito simples, este vestido para patinagem artística pode ser executado em «sablé» ou «satim» branco ou rosa. O volume da saia é fornecido por uma saia interior de organdi todo em folhinhos. Pequenos laços de veludo ou rolinhos do próprio tecido.

2) É encantador este vestidinho em crepe suíço liso, rosa ou branco. Saia muito original e o corpo no mesmo estilo abotoa atrás com uma fila de botões ou «fecho éclair»... A sombra da saia é de renda no mesmo tom do vestido e aparece um pouco sob aquela.

3) Em «tafetás» branco, com corpete de veludo também branco e bordado no mesmo tom do fitilho de veludo queorna a saia e o decote. O barbado da saia tem outro interior de renda. Este vestido serve à representante de qualquer clube, podendo bordar o corpete e pôr o fitilho da cor do respectivo clube.

4) Lindíssima «toilette» em «tafetás» branco, rosa ou azul pálido, ornado com uma larga tira de «guipure» fina na saia e no corpinho. Cintura bem justa, manga «quimono» franzida. Sobre a saia tem uma outra de tule branco, qualquer que seja a cor em que for executado.



Um pleito histórico

COM a de Trieste já aberta, a questão dos Estreitos completa o movimento ofensivo russo sobre o Mediterrâneo — o problema cuja simples propositura tem caracterizado períodos ou fases distintas na história internacional da Europa. Dentro do seu ambiente o incidente conflituoso e beligerante que se mantém sobremaneira desde o reinado da grande Catarina: obter a abertura dos Estreitos e assegurar-lhe a frente ao Bósforo para que a Rússia possa sair do mar interior onde está encerrada. A Grã-Bretanha teve sempre o interesse oposto a este, de que a frota russa, relegada ao Mar Negro, não penetre no Mediterrâneo, onde poderia ameaçar a linha de comunicações do império.

Em 1923, na Conferência de Lausana, fácil foi o triunfo do ponto de vista britânico: a Rússia Soviética varreu de si todos os tratados e compromissos firmados pelo regime imperial, e além disto, achava-se arruinada pela guerra e ainda se sentia subjugada à própria cerviz pela paz humilhante de Brest-Litovsk. Houve, pois, de aceitar o seu encurralamento no Mar Negro. A Conferência decidiu que em caso de guerra sendo a Turquia neutral as forças dos Estados não ribeirinhos, então muito superiores às russas, poderiam livremente penetrar nos Dardanelos.

Cresceu, porém, a Rússia de, poder sob Estaline, e mercê da política de segurança colectiva que ao tempo — e em oposição ao de hoje — foi o nó de todos os grandes esforços na política internacional, a ductil habilidade de Litvinov pôde conseguir marcar apreciáveis pontos na Conferência de Montreux, requerida pela Turquia, em 1936.

O PASSADO E O PRESENTE

No ano anterior, de 1935, a quando da sua viagem a Moscovo, Anthony Eden declarou não ver conflito algum de interesses entre os dois países, assim na Ásia como na Europa, tanto no Pacífico quanto no Atlântico, e esta mesma foi a directriz de Stafford Crips como embaixador britânico em Moscovo, numa orientação praticamente contrariada pela do cultivo da amizade com a Alemanha, por Chamberlain, Halifax e Henderson. De facto, quinze anos antes, em 1915, durante a outra guerra, a Grã-Bretanha e a França haviam consentido em que a Rússia, então como durante a de 1939, sua preciosa aliada, tomasse à Turquia, então aliada da Alemanha, Constantinopla e os Estreitos, e uma boa parcela do território turco. Os arquivos do Kremlin não esquecem.

Da Conferência de Montreux saiu estatuído nos Estreitos o princípio da liberdade da navegação comercial, em todos os tempos, através dos Dardanelos. Quanto a navios de guerra, a Convenção estipulou que a sua passagem, em tempo de paz, ficava condicionada pela autorização do governo turco. Em tempo de guerra, se a Turquia fosse neutra, os Estreitos ficariam encerrados às frotas de todos os Estados beligerantes, ribeirinhos ou não do Mar

Negro. A Turquia continuava pertencendo a fiscalização da defesa militar dos Estreitos. Mas no caso em que fosse beligerante, só a ela caberia decidir da passagem por eles. O único benefício que a Rússia extraía da Convenção era, pois, o de que ficava preservada de qualquer ataque.

Foi este regime vigente durante a última guerra, de 1939 a 1945. Mas viu-se que com a Turquia refugiada numa neutralidade intransigente, ele só operou em desfavor dos Aliados. Os anglo-americanos privados de ligações directas com a Rússia pelo Mar Negro, foram obrigados a abastecê-la de socorros pela Pérsia. Em Junho de 1944 a Turquia permitindo a passagem de navios de comércio, violou a Convenção de Montreux, o que motivou a demissão do ministro dos Negócios Estrangeiros, Menemenjolu.

O SEGREDO DE POTSDAM

Este incidente, infeliz para a Turquia, a despeito das conversas de Adana entre Churchill e Inonu, que foram o prolongamento da aliança ou pacto anglo-turco, deu ança a que a Rússia, uma vez vitoriosa, reclamasse, na Conferência de Potsdam, em Junho de 1945, a revisão do regime dos Estreitos, que já aborudara em Yalta.

Ali ficaram estabelecidos: a liberdade do tráfego comercial, a livre passagem dos navios de guerra para os países ribeirinhos do Mar Negro e o encerramento dos Estreitos aos navios de guerra dos outros Estados, salvo casos expressamente definidos. Foi esta a garantia ali oferecida à Rússia pela Grã-Bretanha e pelos Estados Unidos, para tempos tanto de guerra como de paz. O Kremlin, porém, pediu para sua segurança na aceitação deste regime, bases aero-navais na própria zona dos Estreitos, a fim de, como alegava, tomar parte na sua defesa, e que o futuro regime dos Estreitos fosse regulado directamente entre a Turquia e os Estados ribeirinhos do Mar Negro, a Rússia, a Roménia e a Bulgária.

Por causa desta condição formal apresentada pela Rússia, a questão dos Estreitos — que já durante a guerra, em 1939, fizera naufragar as negociações entre Sarajoglu e Molotov em Moscovo — não teve logo ali, em Potsdam, como tiveram outras, uma resolução unânime.

No entanto, todos os Três Grandes convieram em que era necessário rever a Convenção de Montreux, e que cada um deles daria a conhecer os seus respectivos pontos de vista ao governo turco.

Neste meio tempo, rompeu, como em arco de pressão para um investimento geral, a acção soviética de ameaça à Turquia, destinada a ser o prólogo, preparado e calculado da vasta ofensiva que o Kremlin ia repetir e agora preparamos sobre o Mediterrâneo: a denúncia do tratado de amizade turco-soviético; as reivindicações russas dos territórios de Kars e Ardahan para defesa das regiões petrolíferas de Baku; a questão do Arzebeljão; a posse sobre o Iraque; a presença activa de agentes russos em toda a Arábia e das suas tropas na Bulgária, que ela se recusou a retirar sem que os anglo-saxões fizessem o mesmo na Itália; os movimentos autonomistas e revisionistas suscitados por Moscovo nos confins da Anatólia; o reforço actual de tropas soviéticas na fronteira persa quando Teerão protestou contra o facto recente de, como em 1941, a Inglaterra para defesa dos seus petróleos, concentrar forças indus em Bassora...

Cumprindo o pactuado, os Estados Unidos, a 7 de Novembro desse ano de 1945, num memorando de Byrnes a Ankara, submetem a esta um projecto segundo o qual os navios mercantes de todos os países poderiam atravessar

Os almirantes Abriol (à esquerda), e Marquis, acusados do afundamento da esquadra francesa em Toulon, respondendo perante o Tribunal de Justiça de Versailles.

livremente os Estreitos, e que a sua passagem seria igualmente deixada livre «em todas as circunstâncias» aos navios de guerra dos Estados ribeirinhos do Mar Negro, mas, em caso de guerra, seria proibido aos navios de guerra dos Estados não ribeirinhos «salvo circunstâncias especificadas», que não se diziam quais eram ou seriam.

A seguir, em 27 de Novembro, o Foreign Office fazia chegar à capital turca o seu memorando. A nota britânica, conquanto no fundo idêntica à norte-americana, limitava-se a dizer que a Inglaterra, formularia oportunamente propostas concretas à conferência internacional a reunir para rever a Convenção de Montreux, e continha apenas, como parte nova, a exclusão do Japão como signatário da futura convenção, substituído pelos Estados Unidos.

A Turquia acitou esta proposta como base de discussão, ressalvando com sólida firmeza nos seus direitos de soberania a posse integral dos Estreitos e, portanto, a sua defesa militar, o que, preservando o curto território que lhe resta no continente europeu desde a velha linha defensiva de Chataldja, na fronteira com a Bulgária, exclui in limine qualquer cessão de bases aero-navais à Rússia.

OS ATAMBORES DE GUERRA

Naquele velho filme do Trader Horn havia um quadro, admiravelmente jogado na pantalha: de repente, o espectador via diante de si o imenso panorama do deserto tropical, cuja impressionante grandezza jamais esquece a quem o defrontou; e no silêncio profundo começavam a ouvir-se em crescendo, aos quatro cantos do horizonte, os golpes surdos dos atambores de guerra. Dentro de minutos, os nervos estremeam. O ambiente pesado do terror estava condensado na medida requerida.

Ora, quando no dia 10 de Agosto surdiu a notícia da apresentação da nota russa ao governo turco sobre a revisão da Convenção de Montreux, também começaram a ouvir-se em avassalador crescendo, sobre a relativa calmaria que rodeava o trabalho das comissões da Conferência de Paris, os atambores da guerra; e é bem de crer em que só os nervos das pessoas habituadas a raciocinar com tido os estremecimentos do pânico, tão próprios aos especuladores da política e dos negócios.

Poucos dias antes produzira-se bruscamente, sobre a eleição presidencial do general Ismet Inonu, a queda do governo turco chefiado por Sarajoglu que geria igualmente a política exterior e contra o qual o Kremlin, et pour cause, fizera publicar — prosseguindo a frio o desenho da sua ofensiva contínua — uma nota apresentada como descoberta entre papéis alemães apreendidos em Berlim, do antigo e temível embaixador Von Papan (que mais bocados fez passar ao seu aliado brilhante colega britânico «Sir» Huguessen, na capital turca, por culpa das tibiezas toda a guerra) nota com a qual em Moscovo se pretendia alegar que o governo de Sarajoglu votara pelo esmagamento da derrota da Rússia e até esboçara negociações combinadas com Berlim. Sarajoglu poderia contrariar em que, se tais votos houvesse feito, eles foram iguais aos que, por exemplo, se faziam em Londres; mas o certo é que na capital inglesa a queda do gabinete causou surpresa e interrogação sobre os seus efeitos «numa eventual modificação da política externa, quando a Convenção de Montreux sobre os Dardanelos val ser revista» — dizia o redactor diplomático do conservador Daily Telegraph; e não é menos certo que na capital norte-americana, segundo a «United Press», para observadores categorizados esta mudança do governo, na qual o actual ministro dos Negócios Estrangeiros, Hasan Saka, não era atingido, parecia ser orientada mais para um reforço do que para afrontar as relações da Turquia com a Rússia.

E tudo isto também ajudava os ritmos acelerados dos atambores gentílicos da guerra... de nervos.

Depois do que atrás fica propositadamente narrado e relembrado, as pessoas atentas às coisas na política internacional, facilmente verificaram que tudo quanto a respeito da revisão da Convenção de Montreux veio a público, não autoriza surpresas a ninguém. Tudo se passa efectivamente em conformação do que já existia, das atitudes que Moscovo, Londres e Washington já tinham assumido e da oposição frontal da Turquia a qualquer diminuição na sua soberania em ambas as margens, europeia e asiática dos Estreitos. Não há coisa nenhuma de novo no adiamento feito pela Rússia ao programa aprovado e aceite pelos Três Grandes em Potsdam, da sua reclamação de um condomínio prático russo-turco dos Estreitos, sob color de defesa militar. Byrnes e Bevin já a tinham escutado a Molotov. A base apresentada e oferecida pelos Estados Unidos não foi rejeitada pela Rússia, e é ela que modifica a Convenção de Montreux, e servirá de esboço, como se há-de ver, à Conferência da revisão. O que aguçou os pontos de conflito foi — mas em Londres e em Washington também isto era por demais sabido — que a reivindicação russa, se vingasse, tornaria a Turquia vassala por Moscovo, contra o que todo o seu povo se rebelava. Os soviéticos, que têm arranjos com a Jugoslávia, Grécia e de se assenhorearem do Mediterrâneo Oriental, e bem assim de, pela Turquia e pela Pérsia, avançarem seus bastiões até o Golfo Pérsico e o Médio Oriente em direcção ao Canal de Suez.

E nem a Inglaterra, nem os Estados Unidos podem aceitar tais pretensões, a primeira porque veria cortada a linha de comunicações com a Índia e poderia receber uma punhalada pelas costas, e os segundos porque, no plano do seu forte intervencionismo nas questões europeias (embora procurando a bissestriz arbitral média para os ângulos dos conflitos) estão hoje os seus poderosos interesses económicos no sudeste europeu, firmados nos pactos com a Arábia Saudita e a Transjordânia para a construção dos pipe-lines do Golfo Pérsico a Haifa sobre o Mediterrâneo, a fim de trazerem o petróleo das explorações da Arabian-American, da Standard-Oil e da Texas Company. E se para atingirem estes fins à força de habilidade e de dólares, os Estados Unidos não hesitaram em cumprir as ambições inglesas nos petróleos do Médio Oriente, muito menos admitem uma vizinhança perigosa como a dos russos.

Mas tudo isto era e é conhecido e sabido em Moscovo. Silvain Mangoot, redactor, diplomático da «Reuter» na Conferência de Paris, anotava, portanto, com toda a razão, no dia 22, que há muito pouco de sensacional na actual troca de notas que logicamente seguiu a informação formal por parte da Rússia de ela procurar limitar o acordo do novo estatuto dos Dardanelos às potências do Mar Negro, excluindo uma fiscalização internacional mais vasta.

A ofensiva russa contra as posições privilegiadas da Grã-Bretanha no Mediterrâneo não teve nem poderia ter os aspectos de alarme e surpresa com que a quiseram pintar. Era e é o que se chama um caso previsto, e o que é mais, já meio resolvido pelo consenso unânime dos Três Grandes.

A IDENTIDADE DOS CONTRÁRIOS

São cinco os pontos concretos das reivindicações soviéticas que no dia 8 o embaixador Vinogradov entregou em Ankara: 1.) liberdade de passagem para os navios mercantes de todos os países; 2.) liberdade de passagem apenas para os navios de guerra das potências marginais do Mar Negro (Turquia, U.R.S.S., Bulgária e Roménia); 3.) proibição da passagem de navios de guerra de outras potências salvo casos especiais a regular em convenção à parte; 4.) convenção sobre o novo regime dos Estreitos exclusivamente confiada às potências marginais; 5.) guarda e segurança dos Estreitos exclusivamente confiada à Turquia e à U.R.S.S.

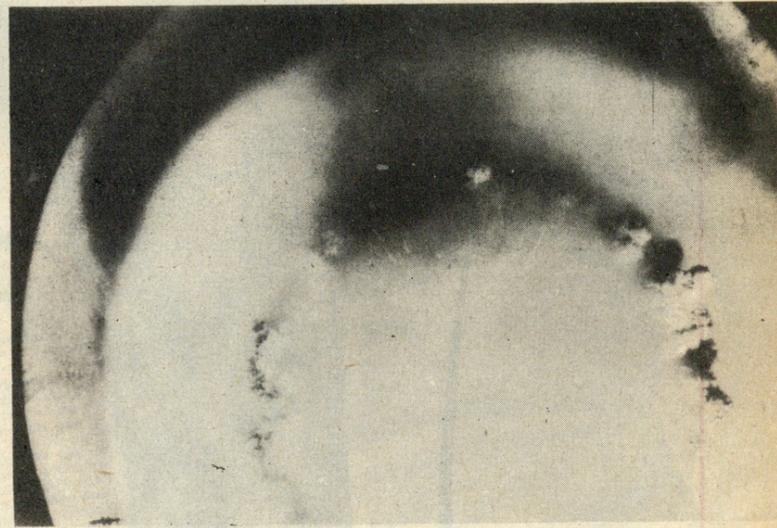
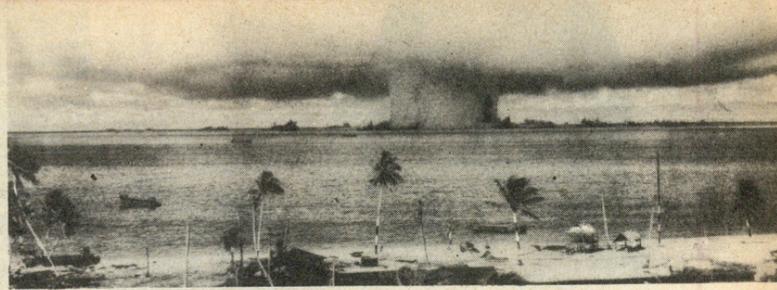
No dia 21, em telegrama de Washington, informava-se que na nota que dirigiram às potências signatárias da Convenção de Montreux, os Estados Unidos manifestam o seu acordo com as seguintes propostas da nota russa: Primeiro, a navegação nos Estreitos deve ser livre para os navios mercantes de todos os países; segundo, será livre a passagem de navios de guerra das potências do Mar Negro; terceiro, a passagem de navios de guerra das outras potências não será permitida, excepto em casos especialmente definidos. A mesma nota do Governo de Washington afirma o seu desacordo com as duas outras propostas soviéticas: o estabelecimento de um novo regime limitado às potências do Mar Negro e a defesa em comum russo-turca dos Estreitos.

O conteúdo da nota britânica manter-se-ia nos mesmos termos, já atrás descritos do seu memorando de 21 de Novembro de 1945 à Turquia: reservando-se para formular oportunas propostas, isto é, abstendo-se de se manifestar no que está de acordo, e pronunciando-se contra uma revisão da Convenção de Montreux só pelas potências do Mar Negro e contra a defesa russo-turca dos Estreitos.

A posição tomada pela França é a mais digna de atenção porque vira a questão pelo fundo. A França nunca esteve ligada pelos acordos de Potsdam, e com bom fundamento alega que esses acordos de três não podem invalidar juridicamente as estipulações da Convenção de Montreux, animada por dez. Doutra parte, a França tem de encarar com um interesse especial quanto aos métodos segundo os quais a Convenção de Montreux val ser revista, visto que nos termos da mesma convenção ela só pode ser completamente revista desde que haja denúncia por parte do Governo britânico ou do Governo francês com a antecedência de três meses. De facto, o Acordo de 1936 permite a revisão total depois do período de 20 anos, a partir da data da rectificação.

Sobre a proposta da Rússia, a França naturalmente reclama que a revisão seja feita pelos signatários, excluindo o condomínio russo-turco dos Estreitos. Repulsada, como já lembrámos, das resoluções de Potsdam, como o fóra da Síria e do Líbano por ultimato da Inglaterra, a França não pode deixar-se envolver nos erros alheios, e que o correspondente do Journal de Genève em Paris comentava e sumira nesta frase: «Potsdam jamais poderá apresentar-se como uma obra prima da diplomacia inglesa e americana».

De facto, comparem-se os dois textos russo e americano e eles são, em três cláusulas essenciais, idênticos. Ambos garantem à Rússia aquilo que ela nunca teve: a livre passagem dos Estreitos pela marinha de guerra e mercante das potências do Mar Negro, ou seja o seu acesso ao Mediterrâneo, a que o Reino Unido sempre se opôs. As duas últimas cláusulas russas sabe Moscovo que são insustentáveis. Marcam a hostilidade à Inglaterra, mas apenas a marcam. Se, como se prevê, as bases norte-americanas forem votadas, a Rússia ganhará partida maior da sua luta secular pela libertação do Mar Negro, e entrará no Mediterrâneo, sendo-lhe lógico e fácil pedir que a Roménia e a Bulgária passem, como potências que são daquele mar, a assinar o novo regime convencional, com mais direitos do que tinha o Japão — sem que por isso o regime



DUAS FOTOGRAFIAS DA PRIMEIRA EXPLOÇÃO SUBMARINA DA BOMBA ATÓMICA

1) Esta fotografia, obtida por uma máquina automática instalada na ilha de Bikini, mostra a coluna de água ao entrar na sua primeira fase de ascensão após a explosão submarina da bomba atómica. 2) De bordo de um avião a mais de 5.000 metros de altitude, a explosão surge como uma série de círculos concêntricos.

dos Estreitos perca o carácter internacional que ele tem.

A réplica soviética, de que não é de submeter à fiscalização internacional uma rota marítima que considera vital para a sua segurança, enquanto os Estados Unidos e a Grã-Bretanha mantêm o domínio exclusivo das rotas marítimas consideradas vitais para eles, pois o Canal do Panamá é exclusivamente fiscalizado pelos Estados Unidos, e o Canal de Suez está defendido em conjunto pela Grã-Bretanha e pelo Egipto e é este o regime que propõem à Turquia — a observação de que a fiscalização internacional por intermédio da Organização das Nações Unidas seria pouco eficiente se a Turquia, praticamente, continuasse a dominar sozinho os Estreitos — e bem assim que uma

comissão de fiscalização constituída pelos representantes de outras potências, que ficam a milhares de quilómetros dos Estreitos, seria, com efeito, uma base efectiva dessas potências apenas a 450 quilómetros do território russo; ou ainda o foguete final de que a internacionalização das principais rotas marítimas, incluindo o Canal de Kiel, não seria rejeitada pela Rússia desde que essa resolução fosse universalmente aplicada — tudo isto representa somente um desdobramento de argumentações que preparam unicamente a discussão, não já do caso dos Estreitos (pois neste, como acima se viu, não há discrepância estrutural entre Moscovo e Washington quanto à libertação do Mar Negro) mas sim do

(Continua na página 16)

TORNEIRAS PARA TODAS AS APLICAÇÕES

TORNEIRAS TAGO

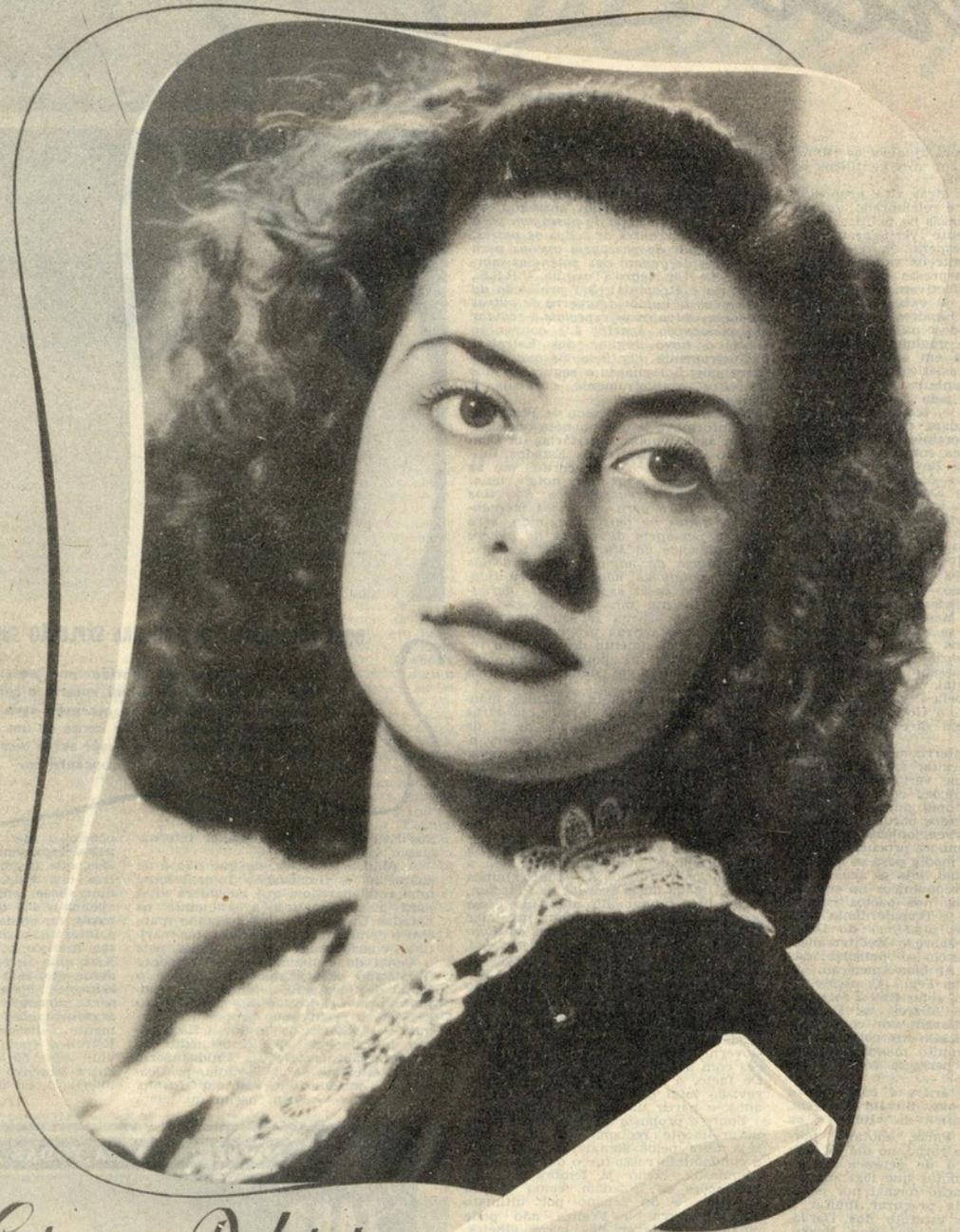
FICOL. L. M.

EVITE os incómodos e aborrecimentos utilizando em sua casa as Torneiras TAGO

AGUARDENTE VELHA

Niepoort

a prova está na prova



Carmen Dolores
TAMBÉM PREFERE
CARMIM CREME
TORERO



**AVERMELHA AS GENGIVAS
E BRANQUEIA OS DENTES.**

Produtos à venda em tôdas as casas do ramo—Distribuidores gerais: *António Ferreira Pinto, Limitada*
Rua dos Correios, 123—LISBOA

PORTO—Rua da Ponte Nova, 70

ROMANCE

DA BOMBA ATÓMICA

FERNANDO FRAGOSO

FORAM exibidas, recentemente, em Lisboa, as reportagens cinematográficas da explosão da bomba atômica, no atol de Bikini. A câmara cinematográfica recolheu, passo por passo, todas as fases da longa «mise-en-scène», culminada pela «cena de efeito» da explosão propriamente dita. Vimos, primeiro, os navios que nos saíram para servir de «cruzadores» e «paranau» experiência. Os velhos «Pensacola» e «Avões americanos», o «Prinz Eugen» — aviões e submarinos — e o «Prinz Eugen» — aviões e submarinos. Depois, as vistas da chamada «esquadra de Vimos», de que ela não pôs prego nem estopa para o rebentamento do mortífero engenho. Vimos, depois, os nativos de Bikini, naquele cinquentão, com o seu rei à frente, naquele traje paradisíaco que deu o nome aos fatos de banho das elegantes de Miami — os «malotes» Bikini, que cabem inteirinhos no bumbum da mão. E foi a vez do embarque em bom deslocação de suas casas e americanas. Mais tarde, desembarcaram os sábios e engenheiros com as brigadas de aparelhagens registadoras, às instalações das aparelhagens registadoras, e preparar a ilha para forçar. Baloicavam, tristes, as palmeiras verdes, «aparelos» de «moonlight and shadows», dos «sábios» nativos, ramagens das «Dorothy Lamour» nas noites voluptuosas. E o homem, como no filme de Van Dyke, continuava a destruir a felicidade e a calma de longinquas e primitivas paragens. Enquanto o mundo estremecia de ansiedade e os sábios vacilavam catacismos em larga escala — nas águas tranquilas de o prazo se acazama crescia à medida que os cruzadores abandonados, amarravam-se «tanques», «jeeps» e outros engenhos de guerra, para medir o seu poder de resistência ao novo elemento destruidor. E, nas vésperas da data conveniada, orgulhosos do seu poder, receberam uma tripulação estranha, sem faria nem galões dourados, tímidos coelhos, «um dos quais e brancos, cabras e bodes» — um dos quais deveria passar à história quando, após a explosão, foi visto pelos observadores fazendo tranquilamente a sua refeição da manhã. Os ainda fresco do orvalho da madrugada. Chegou o dia da grande experiência. As câmaras registadoras, no alto da montanha e as aparelhagens automáticas, na ilha de

grande torre de Bikini, já se encontram em movimento. Nos pesados quadrimotores, que pairam nas alturas, há dezenas de máquinas fotográficas e cinematográficas assediadas. Os locutores das maiores emissoras mundiais contam, em ordem decrescente, os segundos que faltam; para a explosão. Vinte... dez... nove... quinze... cinco... três... um... «E é uma peça monumental de «fogo preso» que rebenta no ar, se desdobra em figuras caprichosas, e que do branco, por gradações verde, ao amarelo, ao branco, de surpreendente sucessivas. Qualquer coisa, digno de ser admirado por multidões, em festas de reis ou para celebrar um acontecimento que enchesse de alegria os corações de todo o mundo — se sob tão belo e ameaça que pesa sobre a Humanidade inteira. O homem está senhor dum elemento novo. Outra vez, quando persistiu para a prisão, a pólvora. Hoje, o mundo mobiliza os seus mais famosos sábios e inventores para pesquisar os segredos dessa força destrutiva, que quer conhecer para guardar como arma do futuro.

Grças ao «cinema», foi possível registar e perpetuar o espectáculo das bombas atômicas no atol de Bikini. É certo que as palmeiras remansosas resistiram à fúria desintegradora. Que Bikini guarda a sua beleza paradisíaca de outros tempos, muito embora uma vaga de três metros varresse aquelas praias, cantavam raparigas, com grinaldas de flores, cantavam «alohas», meneando os corpos ao jeito das palmeiras agitando-se pelo vento. O próprio água, que continuava a postar, no estranho cenário dum monstro de aço, alheio aos desígnios dos homens e aos engenhos mortíferos por eles inventados, poderá fornecer tema para anedotas e caricaturas, mas não destroi nem ofusca as arripantes imagens — essa coluna gigantesca de dez mil toneladas de água, alta de cinco quilómetros, erguida até o céu, como se soubesse da cratera de um vulcão enfurecido. Pode o mundo trocar ou especular com o valor das experiências, no que se refere ao acto destruidor. Mas o documento cinematográfico é impressionante aos olhos dos leigos. Jamais nenhum outro episódio de guerra tais feitos. As bordadas dos canhões da esquadra pesada anglo-americana nas praias da Normandia — são uma brincadeira de crianças comparada com as imagens de Bikini.

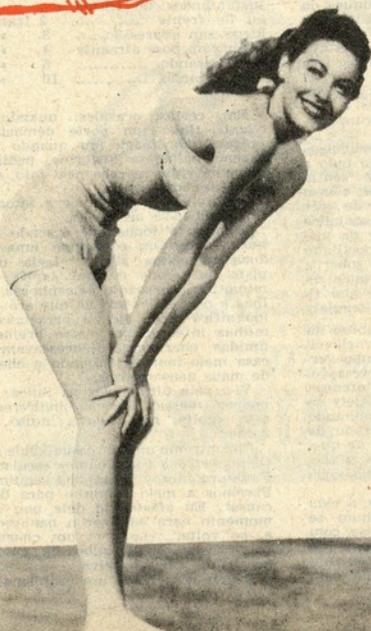
As reportagens exibidas, recentemente, não deixam dúvidas. E a força, radica-se, assim, se ainda houvesse provas dadas. Assistir, em Lisboa, passo a passo, no conforto dum sala, enterrado numa boa cadeira, à experiência histórica de Bikini — é mais um milagre do cinema. Milagre, porque as filmagens oferecem reais e espantosas dificuldades, que o engenho e o valor do homem torce e resolve, fazendo sobrevar inclusive pela rádio, e com máquinas automáticas, na sua missão presertadora.

Nenhum filme de acção nos pareceu, até hoje, mais poderoso e convincente libelo contra a guerra — do que estes duzentos metros de imagens de cruel beleza. A reportagem da explosão da segunda bomba atômica podia candidatar-se ao prémio Nobel da Paz, porque ninguém fará mais por ela do que o cinema, apresentando este documentário que nos permite avaliar o que seria uma guerra na idade atômica, quando amanhã se saísse do campo experimental — e as cidades e populações do mundo martirizado e doente substituírem os ratos e os velhos navios do «laboratório» de Bikini.



A beleza e graça de Ava Gardner, seria dos nossos dias. «Querem jogar ao aixo?», parece ela dizer, enquanto se curva para que os companheiros saltem por cima. E Ava ri, divertidíssima, com a ideia de os ver cair ao mar — pois do outro lado não os espera a terra firme, mas um mergulho...

Audrey Young, uma nova «estátua de carne», capaz de fazer sombra à Yvonne de Carlo...



UM JOVEM AFICIONADO

Por JEROME K JEROME



BUM, bum! Bum, bum! Sentei-me na cama e escutei atentamente. Parecia que alguém, munido de um martelo, enrolado em pano para amortecer o som, tentava derrubar os telhos da parede. São ladrões — pensei eu (é costume atribuir-se aos ladrões tudo que acontece depois de uma hora da madrugada); e fiquei a reflectir naquele método prático, mas ao mesmo tempo embaraçoso, para se entrar assim numa casa.

As pancadas continuavam sem cessar, mas irregularmente. A minha cama estava ao lado da janela. Afastei a cortina e o sol do amanhecer inundou o quarto. Olhei para o relógio. Eram cinco horas e dez minutos. Uma hora pouco propícia para ladrões — pensei —; pois antes de acabarem a tarefa, já estaremos a matar o Jejum.

De súbito ouvi uma pancada mais nítida, parecendo-me que tinha caído qualquer coisa dentro do quarto. Assomei-me à janela.

Um jovem ligeiramente vestido com um «sweater» e umas calças de flanela, estava sobre a relva, na minha frente.

— Bons dias — disse ele alegremente — queria fazer-me o favor de atirar-me a bola?

— Que bola? — perguntei eu.

— A minha bola de tennis — explicou —; deve estar aí, no teu quarto, pois del com ela na janela.

Encontrei a bola e devolvi-lha.

— Que estás fazendo? A jogar o tennis?

— Não. Estou apenas a exercitar-me contra a parede da casa. Isto melhora bastante o jogo.

— Mas dá cabo das minhas noites de descanso — respondi grosseiramente. — Eu vim para aqui para gozar paz e tranquilidade. Não poderias exercitar-te durante o dia?

— Durante o dia? — repetiu ele, a rir. — Se há duas horas que é dia. Mas, não te preocupes. Irei para outro lado. — E dizendo isto, deu a volta à esquina da casa, e começou a jogar na parte traseira, acordando o cão.

Ainda ouvi abrir-se outra janela e que alguém se levantava violentamente no outro extremo do edificio. Mas ao cabo de alguns momentos, tornei a adormecer.

Eu estava passando umas semanas num balneario de Deal, e, como não havia outro jovem na casa, dêmo-nos bem. Ele era um rapaz divertido e genial, mas a sua companhia teria sido mais agradável sem esta grande afeição que tinha pelo tennis. Jogava o tennis, pelo menos dez horas por dia. Organizava desafios românticos à luz da lua, nos quais levava a metade do tempo a separar os adversários que se pegavam uns com os outros; e acabava também impudicos desafios aos domingos. Nos dias de chuva, chegara a vê-lo com impermeável e sapatos de borracha, a praticar o desporto.

Passou uma temporada em Tanger, e quando eu lhe perguntei se tinha gostado, respondeu-me:

— É um canto do mundo, onde nem há uma só pista de tennis em toda a cidade. Precisamos de jogar em uma açoteia, mas torna-se extremamente perigoso.

Em troca, gostou muito da Suíça, e adorava a-meia que passasse as minhas proximas ferias em Sermatt, dizendo-me:

— Há uma pista muito importante em Sermatt. Parece-te-a que estás em Wimbledon.

Um nosso conhecido contou-me que uma vez, estando ambos no cume de Jungfrau, ao ver um pequeno plato de neve, rodeado de precipícios, ele exclamou: «Deus meu! Aqui não ficava mal uma pista de tennis; e que devíamos ter era um pouco de cuidado ao correremos para trás».

Quando não jogava ou se exercitava no tennis, ou lia sobre o tenis, não falava noutra coisa senão no tennis.

Naquela época, Renshaw era uma figura destacada no mundo do tennis, e ele citava-o com tanta insistência que na minha alma cresceu um obscuro desejo de matar Renshaw, de uma forma insuspeitada e sem ostentação, e enterra-lo.

Uma tarde, ele esteve a falar comigo durante três horas e eu tive a paciência de contar as vezes que

ele tinha citado Renshaw: foram quatro mil novecentas e trinta vezes. Depois do chá, colocou a sua cadeira ao meu lado, próximo da janela e começou a dizer:

— Nunca notaste como Renshaw...

— Eu interrompi-o logo:

— Supõe que alguém pegava numa pistola, alguém que tivesse boa pontaria, e matava Renshaw! Os aficionados do tennis deixariam de falar dele?

— Oh! Mas quem mataria Renshaw? — perguntou o jovem indignado.

— Eu sei lá! — disse eu. — Isto é uma suposição!

— Pois bem. Ficaria o seu irmão.

— Eu tinha-me esquecido dessa circunstância.

— Bom. Não vamos discutir sobre quantos são os seus. Mas calcula que alguém matasse todos. Deixarias de falar em Renshaw?

— Nunca! — respondeu com enfase.

— Renshaw será sempre um grande nome, onde se falar no tennis.

— Eu não me atrevo a pensar nas consequências que outra resposta tivesse podido acarretar.

No ano seguinte, Beggly tinha esquecido completamente o tennis e era já um ardente apaixonado da fotografia, pelo que os seus amigos lhe imploravam que voltasse a occupar-se do tennis. Mas era em vão que tentavam interessá-lo, contando anedotas de Renshaw. Ele não lhes ligava importância.

De tudo-quanto via e de todas as partes onde fosse, tirava fotos. Retratou os seus amigos e converteu-os em seus inimigos. Fotografou crianças e semcou o desespero no mais íntimo dos corações maternos. Retratou jovens casados e logo apareciam nuvens na felicidade dos seus lares.

Certa vez, um rapaz enamorou-se perdidamente de uma pequena que, na opinião dos amigos, não lhe convinha. Mas quanto mais eles falavam contra ella, mais elle parecia caprichar nisso, até que, por fim, occorreu uma ideia feliz ao pai do rapaz, que pediu a Beggly que fotografasse a pequena em sete posições diferentes.

Quando o enamorado viu a primeira foto, exclamou:

— É horrível! Quem fez isto?

E quando Beggly lhe mostrou a segunda, disse:

— Mas não tem pareença alguma! Nesta foto, é velha e feia!

E ao ver a terceira...

— O que é que fizeste com os seus pés? Não é possível que sejam tão grandes. Será um fenómeno...

E à quarta...

— Deus meu! Que pose! Como aconteceu isto?

E à primeira olhada que deu sobre a quinta, estremeceu:

— Que espantosa expressão! Não tem nada de humano.

Beggly sentia-se cada vez mais ofendido, mas o pai do apaixonado defendeu-o:

— Beggly não tem a culpa! A culpa não é sua. O que é um aparelho fotografico? Nada mais do que um instrumento nas mãos da ciência. Beggly não faz mais do que preparar o aparelho e, o que está em frente, passa para o interior. E é tudo.

E detendo a mão de Beggly que se preparava para mostrar as duas restantes, concluiu: — Não! Não mostre mais!

Eu senti o que aconteceria à pobre rapariga, que creio que estava verdadeiramente enamorada do jovem. Quanto ao seu fisico, era mais, que corrente. Mas parecia que um mau espirito se tinha metido dentro da câmara fotografica de Beggly, marcando os defeitos com o inequívoco instinto de um crítico de mercantilismo, aumentando-os de tal modo que as qualidades desapareciam.

Se um homem tinha uma verruga, esta apparecia na foto e o homem ficava relegado para segundo plano.

As pessoas de feições pronunciadas pareciam simplesmente apêndices dos seus narizes. A máquina de Beggly parecia comprazer-se em apresentar sempre a parte pior da humanidade. Assim os acanhados appareciam com uma expressão de baixa perfidia, e as raparigas, se não ficavam sorrindo como idiotas, pareciam arrias furiosas. Quanto ás amáveis velhas, dava-lhes uma expressão de aggressivo cinismo.

Ao nosso Vigário, que era um dos mais excellentes homens, apresentou-o como um homem feroz e de cunho carregado, de baixa raça, e ao mais importante procurador da cidade agraciou-o com uma expressão de hipocrisia tão subtilmente velada que poucos dos que viram este retrato voltaram a confiar-lhe os seus assuntos.

Quanto a mim, não deveria dar a minha opinião por ser parte interessada. Mas só lhes quero dizer que se é certo que a fotografia que Beggly me tirou se parece comigo, ficam completamente justificados os criticos em tudo que contra mim têm dito. Embora não pretenda possuir a figura de um Apolo, insisto em que não tenho uma perna duas vezes mais grossa do que a outra e que não está curvada para cima. Posso provar isto, Beggly desculpou-se dizendo que lhe aconteceu um accidente ao revelar a chapa. Mas como esta explicação não apparece nela, sinto como se para comigo uma injustiça.

Quanto à perspectiva que a sua câmara captava, parecia não estar regulada por nenhuma lei divina nem humana.

Vi uma foto de seu tio junto de um moinho que, a julgar por ella, desafia a qualquer pessoa sem preconceitos a que diga qual deles é o mais alto: se o tio ou o moinho.

Em certa occasião provocou um escândalo enorme por exhibir o retrato de uma distinta e respeitável senhora, dando de mamar a um jovem que estava sentado sobre os seus joelhos. Não podia distinguir-se bem a cara do jovem. Mas a julgar pela sua figura, o traje que tinha parecia ridiculamente infantil. Tinha um braço à roda do pescoço da senhora, enquanto ella lhe segurava uma das mãos, rindo com affectação.

Como não ignorava os truques da máquina de Beggly, aceitei incondicionalmente a explicação que a senhorita me deu. O jovem que estava sentado sobre os seus joelhos, era um sobrinho seu de onze annos de idade. Mas a máquina ridicularizou sem compaixão o parentesco e, efectivamente, as aparências eram suspeitas.

Acontecia tudo isto nos primeiros tempos da fotografia, quando todo o mundo sem experiência se sentia muito satisfeito de retratar-se; e o caso é que quise toda a gente, de três e milhas em redondo, de pé, sentados ou deitados, posaram diante da máquina de Beggly com um resultado que, em uma provincia menos soberba do que a nossa, teria sido mais difficil de descobrir. Ninguém que tivesse sido fotografado por Beggly jamais se podia sentir orgulhoso da sua aparência pessoal. Invariavelmente, o retrato tornava-se uma verdadeira revelação para o interessado.

Mais tarde, alguém de má intenção inventou o «Kodak», e Beggly ia de um lado para o outro, apanhando tudo que lhe parecia um brado de esmola, o que criou a lenda de que, quando Beggly apertava o botão, uma desvergonhada campainha fazia o resto.

Para os amigos de Beggly, a vida tornou-se insuportável. Nenhum se atrevia a fazer qualquer coisa com o recelo de ser apanhado em flagrante pela objectiva. Tomou um instantâneo de seu pai, a falar com

o jardineiro, e na chapa appareceu a sua irmã no momento preciso em que se despedia do noivo ao portão do jardim. Nada era sagrado para elle. Fez também fotografias do funeral de sua tia e, na câmara mortuária, podiam ver-se dois primos que contavam histórias, occultando-se por detrás dos seus chapéus.

A indignação pública estava no seu ponto culminante quando um jovem recém-chegado à povoação, chamado Haynot propôs reunir um grupo para fazer uma viagem à Turquia durante o verão, ideia que foi acolhida com enthusiasmo, e elle opinou que Beggly devia fazer parte da excursão. Esperávamos que Beggly apertasse o botão junto de uma sultana, e que um Ashi Basouk ou um Janissary effectuassem o resto.

Mas no seu regresso ficámos em parte desiludidos. Digo em parte, porque embora Beggly saísse ileso do intento, ficou completamente curado da mania fotografica. No estrangeiro todos os ingleses, homens, mulheres e crianças, traziam a sua máquina, e agora só o facto de ver um trapo negro ou apertar um botão, o fastidiava.

Contou-nos que no cume do monte Tutra, nos Cárpatos, os ingleses e americanos aficionados da fotografia que desejavam tomar uma vista do grande panorama, formavam bicha a dois e dois, vigiados por policias húngaros, e que cada qual, com a sua máquina debaixo do braço, devia esperar muitas vezes mais de três horas a que chegasse o seu turno.

Explicou também que os mendigos de Constantinopla traziam pendurados ao pescoço umas chapas com a indicação dos preços das fotografias. uma delas, que elle guardara para amostra, dizia assim:

Instantâneos de costas	2 francos
Idem de frente	3 »
Idem com pose atraente	4 »
Idem rindo	5 »
Idem lutando	10 »

Em certas occasiões, quando o cliente tinha um porte demasiado excepcionalmente disforme, pediam-lhe uns vinte marcos pela foto, que paga de bom grado.

Beggly, ao abandonar a fotografia, dedicou-se ao «golf».

Ensinou a todos que fazendo um buraco aqui ou collocando uma ou duas telhazitas ali, se fazia uma pista de tennis ou um «golf» em miniatura. Persuadiu as senhoras velhas e os cavalheiros de que era um magnifico exercicio, e arrastava-os milhas inteiras, por entre brenhos e umidas charnecas. Reversavam a casa melo mortos, tossindo e chelos de mau pensamento.

Vio pela ultima vez na Suíça, há poucos meses. Parecia indifferente pelo «golf», mas falava muito de naipes.

Encontrámo-nos por casualidade em Fribolwald e combinámos escalar o Faulhorn juntos, na manhã seguinte. Partámos a melo caminho para descansar. Eu afastei-me dele por um momento para admirar o panorama e, ao voltar, vio com um charuto na mão e um baralho de cartas espalhado sobre a relva.

Estava resolvendo um problema.

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO

CAPÍTULO XXXII O PRIMEIRO INVERNO NA RÚSSIA

A segunda fase da ofensiva alemã atingiu o seu ponto culminante entre 25 de Novembro e 5 de Dezembro. O território compreendido entre Klin e Venev transformou-se num único campo de batalha onde os recontros de tanques em torno das posições fortificadas dos russos se multiplicavam com um furor crescente. Os ataques furiosos dos alemães eram seguidos de violentíssimos contra-ataques soviéticos cuja intensidade aumentava também à medida que o inimigo lançava na batalha novas reservas de homens e material, especialmente material pesado de todas as categorias.

No dia 29 de Novembro a pressão alemã ao norte atingiu proporções nunca atingidas até essa altura. Dois dias depois, o «Pravda» escreveu que a «situação continuava a ser muito tensa e muito grave». No dia 2 de Dezembro os alemães lançaram novas reservas na batalha, mas pela última vez. Nessa altura, no flanco sul do seu dispositivo, os alemães tinham passado já à defensiva. Os seus últimos esforços levaram ainda à ocupação de Yefremy, Livny e Yelets, mas todas estas localidades estavam situadas ao sul do sector de Moscovo, para lá de Orel que o limitava.

Podia dizer-se que a batalha para

a posse da capital soviética terminara praticamente no dia 5. A defensiva russa alcançara os seus objectivos. No dia 24 de Novembro o «Pravda» escrevera, com perfeito conhecimento de causa: «A nossa tarefa essencial consiste em ganhar tempo e em cansar o inimigo, batendo-o depois de o deixarmos aproximar de Moscovo. Destruiremos, para isso, o maior número possível de tanques e assim deteremos finalmente o avanço das hordas alemãs. Essa tarefa sabemos nós executá-la à custa de todos os sacrifícios».

A artilharia alemã chegara a troar nos arredores da capital soviética, em cujas praças se ouvira o seu ruído. Mas o poder ofensivo do grupo de exércitos de von Bock gastara-se de tal forma pelo caminho, que lhes

fôra impossível ganhar a «ponta» final na corrida que haviam empreendido com tanto orgulho. A tática do Alto Comando soviético era fundamentalmente uma tática de desgaste. A prova do seu êxito estava na capacidade de resistência dos exércitos soviéticos para impedirem que o adversário se aproximasse e acabasse por alcançar o limite da cidade. Esse objectivo foi alcançado. Com a batalha de Moscovo era a guerra que os alemães perdiam irremediavelmente como os acontecimentos posteriormente ocorridos se encarregariam de demonstrar sem demora.

A batalha de Moscovo foi o início da derrota sofrida na frente leste pelo mais poderoso grupo de exércitos alemães, o que ocupava o sector central da frente sob o comando do marechal Fedor von Bock. O grupo de exércitos de von Bock não era apenas o mais numeroso e poderoso grupo de exércitos alemães que combatiam contra os russos. Era também, e isso tornara-se essencial, o que se encarregaria de arrancar a vitória na luta decisiva em que a Wehrmacht se empenhara. Possuía a maior concentração de forças blindadas alguma vez realizada em operações militares deste género. Fôra essa concentração que impedira uma derrota irremediável dos alemães na batalha de Moscovo que assim poderia decidir do conjunto da campanha.

Quando se considera o fundo das directivas lançadas pelo alto comando alemão para dar a batalha de Moscovo, revela-se uma semelhança impressionante com as que, vinte sete anos antes, receberam os generais alemães que tinham a missão de dar a ganhar a batalha do Marne. Como no Marne, os alemães em Moscovo foram vencidos quando tudo parecia indicar que estavam prestes a alcançar o objectivo essencial da sua acção. Nos dois casos, o Alto Comando alemão exigiu dos combatentes a realização de uma tarefa que eles não estavam em condições de desempenhar. A falta de reservas em ambos os casos impedira os alemães de triunfarem na «ponta final» de que dependia, em última análise, o êxito da sua empresa. E ainda nos dois casos os alemães tinham-se mostrado incapazes de suportar a violência do contra-ataque inimigo, dos franceses no Marne, dos russos em Moscovo, acabando por sucumbir perante a rapidez e a energia desse contra-ataque.

Brauschitch e von Bock repetiram todos os erros e reincidiram em todas as faltas que um quarto de século antes tinham cometido, no ocidente, Molke e von Kluk. Em Moscovo, como no Marne, o contra-ataque soviético representou uma autêntica, uma incontestável surpresa para os alemães. O Alto Comando alemão iludiu-se completamente quanto à verdadeira força e quanto às reais possibilidades do inimigo, ao seu valor combativo, à natureza dos seus métodos de combate e à extensão dos seus preparativos, que eram de molde a impressionar os chefes militares de qualquer país.

DO MARNE A MOSCOVO

Os chefes militares alemães, depois de haverem estudado escrupulosamente, metódicamente, em todos os seus exaustivos pormenores, a batalha do Marne, tinham tomado todas as precauções para evitar a repetição dos erros e a reincidência nas culpas que, aos seus olhos, tinham justificado a derrota de Setembro de 1914. E, efectivamente, quando vinte e seis anos depois tiveram de planejar e conduzir uma campanha de grande envergadura na Primavera de 1940, fizeram-no de maneira impiedável e em obediência às lições da experiência. Todas as precauções e todas as cautelas foram tomadas a tempo de evitar a repetição do desastre do Marne. O resultado foi impressionante, e nas suas revistas da especialidade como na sua imprensa diária os alemães não deixaram de pôr em relevo, com uma satisfação compreensível, o fundamento do êxito que tinham alcançado. Esse êxito — eles próprios o diziam — fôra, sobretudo, uma consequência da lição que tinham recebido e que tão cara lhes custara.

Durante a campanha da França — em Maio e Junho de 1940 — os alemães fizeram tudo para evitar que os franceses alguma vez se encontrassem em condições de realizar um contra-ataque eficaz. Mas todas as suas precauções não evitaram que os alemães suportassem, na segunda guerra mundial uma derrota em tudo semelhante à do Marne. Mas desta vez foi na frente oriental e não na ocidental da Europa que ela se registou. Os alemães, mestres da «guerra relâmpago», foram completamente surpreendidos, confundidos e, final-

mente, derrotados pela violência fulgurante do contra-ataque soviético lançado por Zhukov a partir dos primeiros dias de Dezembro. Esse contra-ataque acabou por lançar uma tal desorientação no Alto Comando alemão que este acabou por se revelar completamente incapaz de esboçar sequer uma manobra para o contrariar.

Os órgãos de propaganda alemã espalharam largamente a versão de que esse contra-ataque coincidia com a realização, há muito projectada, de uma retirada dos seus exércitos para os quartéis gerais que tinham preparado, a fim de se acolherem durante o inverno, que surgiria rigoroso e implacável. Nada mais contrário à verdade e às realidades, que se viram sempre dos excessos e dos exageros da propaganda.

OS MESTRES DA «GUERRA RELÂMPAGO»

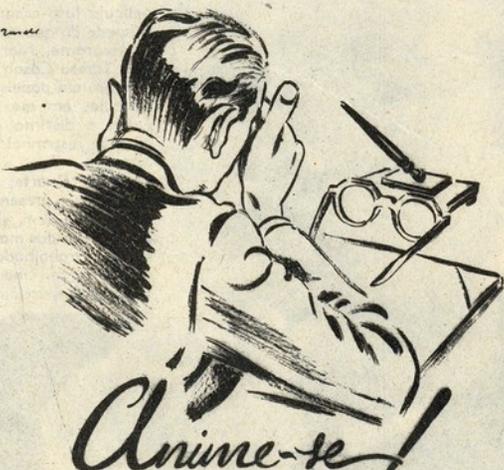
Nos primeiros dias de Junho de 1941 foram os russos que infligiram aos mestres da «guerra relâmpago» uma derrota incontestável, utilizando os métodos, servindo-se dos processos, pondo em prática as mesmas doutrinas que lhes tinham dado as esplêndidas vitórias da Polónia e da Noruega, da França e dos Balcãs. A ofensiva alemã foi repentinamente detida, e o contra-ataque desencadeado por Zhukov teve o carácter fulminante, irresistível, decisivo da «guerra relâmpago». Esse contra-ataque não consentiu um período mínimo para que o inimigo se recompusesse e resistisse.

A leitura dos comunicados sucessivos publicados durante essa época pelo Alto Comando alemão esclarece, decorridos cinco anos sobre essa batalha que exerceu uma influência capital sobre a evolução dos acontecimentos militares, ou fases sucessivas da luta, e demonstram que até o último momento os alemães acreditaram que a sua ofensiva contra a capital da U.R.S.S. acabaria por alcançar o seu objectivo fundamental: a ocupação da cidade.

Em 2 de Dezembro o comunicado alemão falava de uma penetração profunda da Wehrmacht em novos pontos da região de Moscovo e afirmava que essa penetração continuava a acentuar-se. No conjunto a ofensiva continuava. No dia seguinte, 3 de Dezembro, o comunicado alemão dizia que a infantaria e as divisões blindadas, apoiadas fortemente por formações aéreas, avançavam ainda e estavam prestes a atingir os seus fins. Em 4, o comunicado do Alto Comando tinha uma omissão que, por toda a parte, foi registada como sensacional: não inseria nenhuma referência ao que estava a passar-se na região de Moscovo.

Essa omissão assinalava a viagem da batalha que devia decidir do seu resultado. Para quem seguisse atentamente a batalha dos comunicados que acompanham de perto a batalha militar havia, porém, no comunicado alemão uma passagem reveladora. Em 3 de Dezembro os alemães informavam que uma operação de diversão, tentada pelos russos em Rostov, não conseguira alcançar os resultados que tinha em vista. Esta revelação tinha o carácter de uma unidade impressionante. Era fácil verificar que os alemães estavam na mais completa ignorância da estratégia soviética. Evidentemente, os russos tinham passado ao contra-ataque não apenas em Rostov, como operação de diversão, mas ao longo da frente e, sobretudo, no próprio sector de Moscovo.

(Continua)



Anime-se!

Estes estados de esgotamento e cansaço a dor de cabeça, a sensação de enfartamento depois de comer, combatem-se facilmente com a Magnésia SANTA MARIA. De suave acção laxativa, regula a função intestinal que tanto influi no bem-estar geral. Faça uma experiência e exija sempre a embalagem original com a caravela.



Magnésia
SANTA MARIA

PÉS SENSÍVEIS

Para os recompor e aliviar rapidamente os inchacos e a sensibilidade, mergulhe-os num banho de pés com Saltratos Rodel. Este banho faz desaparecer também a dor dos calos e facilita a sua extração. Saltratos Rodel, sais oxigenados contra todos os males dos pés. Preço módico. Em todas as farmácias e drograrias.

UM NOVO FILME LUSO-ESPANHOL



Estevão Amarante, tal como nos aparece no papel do banqueiro Arriaga, do filme «O hóspede do quarto n.º 13».



EM CIMA: Maria Eugénia e Rufino Inglês, numa cena do mesmo filme. EM BAIXO: Teresa Casal e Estevão Amarante, descendo a escadaria do Palácio Hotel.



... E Alfredo Mayo e Teresa Casal, jogando no Casino do Estoril.



Muitos artistas portugueses e o realizador Artur Duarte intervêm na nova película luso-espanhola «O hóspede do quarto n.º 13».

Amarante, Maria Eugénia, Teresa Casal e outros, interpretam papeis na nova película, em que também entra o distinto actor do cinema espanhol Alfredo Mayo.

Artur Duarte, que se encontra, presentemente, entre nós, tem sido, sem dúvida, um dos mais incansáveis trabalhadores da aproximação cinematográfica luso-espanhola.

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO ~ EDITOR: PEDROSA MARTINS
PROPRIEDADE DE: "VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA"
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: R. DA EMENDA, 69, 2.º — LISBOA — TELEFONE 2 5844
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: OFICINAS GRÁFICAS BERTRAND (IRMAOS), LIMITADA
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA